

Héctor Enrique Giana

SONHOS MEUS



Héctor Enrique Giana

SONHOS MEUS

- 2015 -

2015, by Héctor Enrique Giana - 1ª. edição

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta edição, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos do autor (lei n.º. 5.998/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP - Brasil

Giana, Héctor E.

SONHOS MEUS

São José dos Campos - SP, Edição do Autor

ISBN n.º. 978-85-919806-0-4

Índice para catálogo sistemático

1. SONHOS MEUS Ficção e Contos Brasileiros

*De sonhar ninguém se cansa,
porque sonhar é esquecer,
e esquecer não pesa
e é um sono sem sonhos
em que estamos despertos.*

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
INTRODUÇÃO	11
O PÁSSARO	13
ENCONTRO COM O FUNDADOR	24
O CHUGO E O CAVALO	31
A PIRÂMIDE.....	39
ENCONTRO COM GURDJIEFF	52
AGATHA CHRISTIE.....	58
POR UM MUNDO MELHOR	65
STONEHENGE.....	71
COLÉGIO PRIMÁRIO	76
OS QUATRO ANÕES	84
O SER LUMINOSO	93
LEMBRANÇAS	101
O VELHO RESTAURANTE	110
A CAPIVARA	116
O HOTEL.....	123
VIDAS CRUZADAS.....	133

Sonhos meus

PRÓLOGO

É claro que se não fosse a nossa antiga amizade, eu não teria a honra de prefaciar esse livro do Enrique. Quantas outras pessoas estariam muito mais capacitadas e aptas para ocuparem esse lugar, onde honrosamente me sento, nesse momento! Obrigado, amigo!

Só que é preciso estar à altura dessa exigência. E para isso, vou visitar antigas teorias. Teorias do átomo.

No século VI AC, na Índia, e no século V AC, no Ocidente. No século V AC, já se falava do átomo. Demócrito, na Grécia, chamava de átomos as menores partículas indivisíveis da matéria.

Mas só depois que a física quântica descobriu que o núcleo do átomo, ou seja, a menor partícula da matéria, não é matéria, mas sim energia, foi que começamos a ter bons motivos para realmente rever e revirar de cabeça-pra-baixo todos os conceitos de realidade. Então, é mesmo verdade que a matéria não existe? Então, Buda e Platão estavam certos? Parece temerário responder sim ou não, simplesmente. Mas toda essa história não deixa de ser interessante. Até porque, ao que tudo indica, é a física quântica, e não mais só a religião, que vem nos garantir que somos ... energia imortal.

Mas o que isso tem a ver com esse prefácio?

É que Enrique Giana agora nos faz presente de um livro que escapa à materialidade da existência no mundo. Enrique vem nos apresentar seus sonhos, a energia da vida transformada reverência ao sono. Se é verdade que sonhamos para continuar dormindo, a função do sonho é

Sonhos meus

também nos fazer acordar. As verdades que dormem durante o dia, acordam à noite, e nos inspiram a nos manter em vigília, sempre acordados, para enxergar melhor a vida, o mundo e a nós mesmos.

A física quântica descobriu que a menor partícula da matéria não é matéria. Os sonhos vieram nos ensinar que a menor partícula de nós mesmos escapa a tudo quanto, da gente, seja só a gente mesmo. Somos mais. Somos infinitamente mais. Sonhamos para entender isso. Sonhamos para acordar para isso.

Longa vida a você, escritor querido, amigo de amizade indelével. Longa vida ao seu texto e ao pretexto que você teve ao escrevê-lo. Longa vida ao desejo embutido em cada sonho de ir além, até onde a vista alcança, e além. Até onde o ouvido apura, e além. Até onde o sonho leva. E além.

Renato Lôbo

INTRODUÇÃO

Dizem que os sonhos são a janela por onde a alma se expressa e vive experiências impossíveis de realizar no dia-a-dia, no estado de vigília. Neles é possível voar, morrer e ressuscitar, enfrentar monstros, demônios e anjos, ser jovem novamente, falar com espíritos e gente que já não vive, **ENFIM**, tudo é aceitável no sonho.

Freud dizia que todos nossos sonhos significavam manifestações de desejos reprimidos, **VÍRGULA** enquanto que a religião os considera premonitórios ou revelação de consciência expandida. Se tudo o que dizem é verdade ou ficção, não tem a menor importância para **NÓS**. O objetivo deste trabalho é mostrar **SEM O** que os sonhos são reais e possíveis, mesmo havendo pessoas que não se recordam dos seus sonhos e pensam que não existem.

A ciência descobriu que crianças no ventre materno já sonham, mesmo sem experiência de vida. Dizem também que na proximidade da morte acontece o sonho derradeiro, que prepara a alma para a passagem ao outro plano. Além do mais, os sonhos são tão importantes em nossa vida que já ganharam versões musicais e poesia em sua homenagem.

Sonhos **Meus**, é uma coletânea de sonhos que aconteceram realmente. Sonho desde sempre e muitas vezes sonho acordado. Já sonhei que sonhava e, no lusco-fusco entre o sono e a vigília, poucas vezes sabia se era minha fértil imaginação em movimento ou se era um sonho real o que estava acontecendo.

Sonhos meus

Nunca fui de muito dormir e isso, com certeza, prejudicou bastante a produção dos meus sonhos, por ~~tante~~ (SUGERIMOS ISSO) a dificuldade de encontrar um longo repertório SEM VÍRGULA que aumente com o tempo SEM VÍRGULA faz com que este trabalho literário seja curto demais para meu gosto. De todas formas (EM PORTUGUÊS, DE QUALQUER FORMA) prometo que seguirei sonhando e, quem sabe um dia, consiga escrever os outros junto com estes para compor um volume maior.

Aproveite agora e sonhe comigo!

Como dizia nosso amigo W. Shakespeare, *Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.*

Héctor Enrique Giana

I

O PÁSSARO

31/10/2001



Sonhos meus

Ato I – O canto. (SUGERIMOS NÃO COLOCAR PUNTO DEPOIS DO TÍTULO)

Ainda era noite, (ESTA VÍRGULA VAI DEPOIS DO MAS) MAS, em algum lugar do espaço, tênue claridade se insinuava, despertando milhares de seres a começar o novo dia.

No meio do alvoroço vital da sinfônica melodia destacou-se um canto, grito sutil, clamor insano, puro e pleno.
...era o pássaro.

Não foi somente uma, mas muitas vezes o apelo repetido, e eu sem saber como nem por que, me vi (SUGERIMOS VI A MIM MESMO, PARA NÃO COMEÇAR A FRASE COM PRONOME) imitando e repetindo aquele canto.

Contraponto misterioso entre homem e pássaro, parecia um intercâmbio de filosofias místicas, onde tudo era válido, até o diálogo.

Nesse instante desejei ter meu próprio unicórnio azul feito ave, como na poesia transcendental dos homens que sonham de olhos bem abertos.

Ato II – A aproximação.

Fiz sinal de aproximação, olhando fixamente para ele,
e sem deter o canto místico, o pássaro escuro, de sutil
colar **pêneo** ,
e **céfalo** penacho iridescente,

(NOTA: A PALAVRA **PÊNEO** NÃO EXISTE NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. SE QUISER REFERIR-SE A PENAS, SUGERIMOS EMPLUMADO. A PALAVRA **CÉFALO** SOZINHA NÃO EXISTE NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. É UM PREFIXO USADO NA COMPOSIÇÃO DE OUTRAS. SE É PARA “CRIAR”, SUGERIMOS UNI-LA AO PENACHO, OU SEJA, “CEFALOPENACHO”. NO ENTANTO, O PENACHO, EM SI MESMO, TRATANDO-SE DE UM PÁSSARO, JÁ SERIA SUFICIENTE PARA DIZER QUE ESTÁ NA CABEÇA DO ANIMAL.)

veio sorrateiro, pulo-a-pulo, sem mistérios,
instalar-se qual eterna fênix renascida, à minha frente,
olhando-me...

cantando-me...

(O VERBO CANTAR, USADO COM O PRONOME TEM OUTRO SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS, SIGNIFICANDO “SEDUZIR”. SUGERIMOS DIZER **CANTANDO PARA MIM**)

Sem deixar de olhar **NO** fundo de seus olhos,
insondáveis e etéreas perguntas **saíam (SAÍAM)** do meu canto

procurando saber dele a própria transcendência,
do divino milagre de eu **ME SENTIR (AQUI, É MELHOR COLOCAR O PRONOME JUNTO COM O SUJEITO)**
sentir-me pássaro,

e **TALVEZ** ele **SE SENTIR** um pouco humano, ou **TALVEZ (PARA NÃO REPETIR TALVEZ NA MESMA FRASE, SUGERIMOS COLOCAR OU ENTÃO)**, quem sabe,
NÓS dois... só sermos!

Ato III – A metamorfose.

O pássaro balançou suave e majestosamente sua cabeça,
e em ritmo crescente e ordenado,
qual redemoinho vivo, entre argêntneas nuvens por trás iluminadas,
girou, em mágica voragem onde o tempo e o espaço se contraem
e o firmamento se transforma em eterno agora,
até, exausto e abatido pelo esforço,
permanecer em lânguido repouso de homem,
adormecido...

!! (A EXCLAMAÇÃO NÃO É USADA ANTES DA FRASE. PODERÍAMOS TENTAR COLOCÁ-LAS DEPOIS DA INTERROGAÇÃO) Mas ... que digo?!! - De homem?, SEM VÍRGULA E INICIANDO A FRASE COM MAIÚSCULA

O pássaro se fora **SEM VÍRGULA E** em lugar dele, jovem mancebo repousava.

Minha mente procurava entender. Esfregava meus olhos, apertava minhas carnes procurando a insensibilidade física do sono,

desejava acordar e **re-descobrir (A PRIORI, ESTE HÍFEN NÃO SERIA NECESSÁRIO)** o plácido conforto de meu quarto,

após noite mal dormida **–(ESPAÇO DEPOIS DO HÍFEN)** de céleres e indescritíveis sonhos **(ESTE HÍFEN FECHA O HÍFEN ANTERIOR. NÃO É NECESSÁRIA A VÍRGULA SE JÁ HÁ UM HÍFEN),**

incompletamente sonhados. Mas meus olhos continuaram abertos, e minha carne doía.

Ato IV – O diálogo.

Olhou detidamente o estupor que marcava minha face(NÃO É NECESSÁRIA A VÍRGULA) e disse: “Não te assustes, *queda-te (QUEDAR-SE NÃO É INCORRETO, ESTÁ NO DICIONÁRIO, MAS NÃO É USADO COMO SE USA EM CASTELHANO. O MAIS USADO SERIA FICAR: FICA EM PAZ)* em paz, também homem sou; embora a dádiva da transformação a Deus pertença, mesmo agora que homem vês, sou sempre pássaro para a revelação terrena. Esta forma hominal existe em plano diferente, universo idêntico raramente revelado, que faz parte do arquétipo divino de velar e elevar o espírito desta humanidade com o misterioso canto místico de significado pleno, acessível a todos os homens, mas... por tão poucos compreendido”.

Ainda sem palavras, reação tardia própria de humanidade mal resolvida, procurei ordenar os pensamentos que buliam no meu cérebro.

“Tenta com o coração” – DISSE-ME. “A manifestação que *VISTE (VISTES CORRESPONDE À SEGUNDA PESSOA DO PLURAL, VÓS. PARA TU, USAMOS VISTE, SEM O S)* não se entende... *SENTE-SE*; não se pensa... *INCORPORA-SE*”.

Sonhos meus

Perguntei-lhe quem era, como, onde, por que, quando, e todas as perguntas saíram da minha boca de uma só vez, parecendo vãs ao meu próprio ouvido, arrastadas como em câmara lenta, sem motivos nem fundamentos, como querendo entender com humano entendimento, coisas de Deus, coisas da vida...

Quando me acalmei e comecei a compreender a situação, o homem-pássaro falou: *“Foi permitido, pelo esforço humano de imitar um pássaro em seu canto, de tentar comunicar-se em diálogo de expressão diversa, mas com a certeza do ser-em-si-mesmo, que se rompessem as barreiras da diversidade biológica e fosse possível a comunicação **interclasses** (SERIA INTERCLASSES?), como antigamente, como quando o Universo em expansão possibilitava a todos os seres viverem em harmonia e paz”*.

Sois um anjo? – perguntei. *“Não”* – disse. *“Essa é outra classe”*

São todos os pássaros? - *“Todos e cada um deles”* – respondeu.

E os outros seres e animais? – *“Não me é permitido responder a tudo”* – disse.

Podemos repetir este encontro? – *“Só de Deus depende, como tudo, mas tem certeza que, mesmo como pássaro, o interior do ser se comunica. Basta achar o caminho e abrir o coração ao diálogo”*.

Sonhos meus

Antes de eu poder balbuciar qualquer coisa, célere,
disse:

“Agora está na hora da partida. O tempo concedido está finalizando”

Ato V – A partida.

Aparentemente reposto da anterior viagem,
ficou o jovem em pé e em posição de voar.
Olhou longamente meus olhos,
como suplicando querer ficar **(SEM VÍRGULA)** neste
humano mundo,
cansado talvez de representar o papel de pássaro,
voando entre as árvores, pulando de galho em galho,
cantando trinas melodias de tons divinos em áureos
pentagramas,
bemolizando melancólicas harmonias naturais.

Suspirou de leve, ainda me olhando **SEM VÍRGULA E**
resignado a seu destino
rodopiou novamente, em sentido contrário,
entre as mesmas argênteas iluminadas nuvens,
na mágica e mística voragem
onde o tempo e o espaço agora se dilatam,
e o Universo inteiro se converte em eterno sempre,
onde o canto da natureza se confunde com música
divina,
e se converte em mensagem aos homens.

Olhei então, ao redor, esperando ver o pássaro voando,
aguei meus ouvidos para escutar a trina melodia de seu
canto,
e como o silêncio era tudo **SEM VÍRGULA E** o tempo não
passava,
mirei de relance, temendo encontrar o que ali estava:

Sonhos meus

forma rara, mesclada, de jovem não-humano, de ave não-pássaro,
figura dantesca sem claras palavras, sem místico canto,
de triste olhar parado.

“Estou tão cansado e sem forças...” –(ESPAÇO DEPOIS DO HÍFEN) DISSE-ME quase sussurrando OU HÍFEN OU VÍRGULA,

“...não consigo voltar, preciso da ajuda de outro pássaro, TALVEZ minha mãe que lá no Castelo do Alto mora e canta”.

Corri na direção ASSINALADA com o frenético impulso do medo

que a morte próxima provoca nas almas. Gritei e cantei imitando em desespero o canto do pássaro, a mãe escutava?

chorei lágrimas amargas, com a impotência do nada.

“DE QUE TE QUEIXAS, relaxa...”, SEM HÍFEN ouvi o pássaro dizer-me

e nem pensei no momento que pássaro não fala.

“Eu posso falar, mesmo não estando em forma humana”

Teu filho agora te reclama, ajuda precisa para voltar novamente

ao destino divino de elevar nossas almas,

sozinho não pode, forças lhe faltam

e agora não é homem nem pássaro.

“Vamos então” –(ESPAÇO DEPOIS DO HÍFEN) disse a mãe.

Lá chegando, a informe figura no chão continuava, mais penas que antes cobriam seu corpo de forma bizarra

com lívido rosto de humana aparência, exausto, rendido, resignado.

Sonhos meus

“Não te preocupes” – (ESPAÇO) disse a mãe, - “É assim que acontece.

O tempo resolve o dilema, as coisas divinas sempre se ajeitam,

e cada ser, homem ou pássaro, cumprirá definitivamente seu destino”.

...Cansado que estava, dormi.

Ato VI – O fim.

O trino melodioso de um pássaro me fez abrir os olhos, lentamente reconheci o lugar, os galhos balançando, o sol insinuando-se entre a folhagem, o mar bramando insólitas e aquáticas frases entre as pedras ribeirinhas, e no alto da árvore, cantando estava (SEM VÍRGULA) o pássaro.

Lembrei-ME de tudo em um instante e gritei: Que bom te ver assim!(A EXCLAMAÇÃO DISPENSA O PONTO FINAL)

E ele continuou cantando, saltando para mais longe, voltando um pouco, voando em círculos, olhando... ensaiei a imitação do canto, como antes o fizera, e ele continuava cantando, voando, sendo pássaro.

Sonhei então, ESPAÇO PENSEI ESPAÇO (OU HÍFEN OU VÍRGULA), não foi real, deitei e dormi o sono dos anjos.

Quanto tempo passou?

Onde se foi meu unicórnio azul?

E eu próprio, aonde irei?

Quem então velará pelo nosso espírito e elevará nossa alma?

Enquanto isso, continuava imitando o pássaro.

Confuso e disposto a voltar PARA CASA SEM A,

Sonhos meus

entre pensamentos desordenados
e eternas dúvidas cravadas no recôndito de minha alma,
não percebi que o pássaro, entre as ramas,
parecia piscar, cantando mais profundamente.

Levantei-me do chão e endireitei **PARA CASA SEM A**
acompanhado do canto do pássaro, que pulava e pulava;
embaixo da rocha da estrada o São Francisco de barro
rodeado de pássaros brancos, enigmático, sorria,
e o duende da fonte, cúmplice, me olhava...

II

ENCONTRO COM O FUNDADOR

Sonhos meus



Era uma tarde clara e brilhante em um dia do inverno de 2003. Estava sentado no sofá da sala de minha casa, (SUGERIMOS NÃO COLOCAR O E SIM AQUELE) que dá as costas para a janela À frente do terreno. À esquerda, VÍRGULA a outra grande janela, do mesmo tamanho que a que estava atrás de mim, deixava entrar alguns raios avermelhados de sol, o qual estava rumo a se pôr no horizonte. Uma música clássica tocava no equipamento de som; o quarto movimento da nona sinfonia de BeethoveN. Particularmente gostava muito do coral, que enaltecia meu espírito; pensava sempre ao

Sonhos meus

ouvi-la que o músico já estava surdo quando a compôs e que provavelmente tinha feito brotar seus íntimos sentimentos À flor da pele para poder perceber as vibrações sonoras que deram origem a tão maravilhosa obra. Que grande gênio!

Em meio a estes devaneios, apareceu o Mestre na moldura da entrada da sala; atrás dele, entrava silenciosamente, com um sorriso nos lábios, o Fundador. O Mestre disse, fazendo um sinal com a mão e olhando na minha direção: “*Senhor, este é o Enrique, de quem lhe falei*”. Sem dizer palavra e com o mesmo sorriso na boca (SUGERIMOS NOS LÁBIOS),VÍRGULA o Fundador se aproximou de mim enquanto eu ficava de pé À sua frente; olhou em direção a meus olhos com muita profundidade durante alguns instantes e EM SEGUIDA se inclinou,VÍRGULA colocando sua testa À altura do meu coração, enquanto me segurava firme pelos ombros.

Não sei quanto isto durou, porém a sensação de plenitude que se apoderou de mim foi indescritível; foi como ter alcançado o paraíso e estar em frente do Divino, sem lembranças nem preocupações, como se o tempo houvesse desaparecido e permanecesse a eternidade sem princípio nem fim. A impressão mais eloquente (A ÚLTIMA REFORMA ORTOGRÁFICA RETIROU O USO DO TREMA) deste estado foi o sentimento de estar flutuando no ar pendurado por um fio invisível à altura do plexo solar, balançando suavemente em movimentos pendulares. Ao lado, o Mestre sorria complacente.

Como tudo o que é bom dura pouco, o Fundador retirou sua cabeça do meu peito e olhando para o Mestre fez um sinal com a cabeça. Ficou um pequeno resto daquela sensação rodopiando em minha alma, MAS

Sonhos meus

certamente será o suficiente para lembrá-la por toda a vida.

Saíram os dois e eu fui atrás. No quintal da minha casa, no gramado da entrada, encontrava-se estacionado um pequeno avião monomotor de quatro lugares; não questionei como fora (SEM A) parar nesse lugar, mesmo porque sabia que não iria ter respostas. O Fundador se colocou ao volante e o Mestre, a seu lado, disse: “*Enrique, suba ao avião que vamos para Buenos Aires*”. Sem discutir o pedido subi célere e me acomodei na parte de trás.

Pouco tempo depois estávamos voando em direção À Argentina, sem comentários nem explicações. Ninguém falava nada, cada um estava imbuído em seus pensamentos e assim a viaGem (VIAJEM COM J É UMA CONJUGAÇÃO DO VERBO VIAJAR) transcorreu até avistarmos os primeiros prédios da cidade. O Mestre me pediu que procurasse com o olhar algum lugar perto de alguma praça para aterrissar o avião e estacioná-lo em lugar seguro. Comecei a procurar sem perceber o absurdo do pedido: Como poderia um avião aterrissar e estacionar em uma praça central de uma grande metrópole?.(O PONTO DE INTERROGAÇÃO DISPENSA O PONTO FINAL) Como poderia ter descido no quintal de minha casa?.(O PONTO DE INTERROGAÇÃO DISPENSA O PONTO FINAL)

O avião voava em círculos,VÍRGULA esperando minha informação para a aterrissagem; de repente,VÍRGULA avistei uma grande praça rodeada de prédios baixos e com uma larga avenida na lateral, o que sem dúvidas permitiria o pouso. Assim,VÍRGULA transmiti minhas impressões ao motorista, que sem deixar de sorrir lançou o avião na direção indicada; a manobra foi tão brusca e inesperada que quase caio pela

Sonhos meus

janela, não fosse uma barra de cano galvanizado que estava do lado do assento e que serviu para **Segurar-me**.

Quando percebi,**VÍRGULA** já estávamos no chão, em frente à praça; não sei como o Fundador conseguiu aterrissar em meio a tantos veículos circulando pela avenida, mas de qualquer forma estávamos em terra firme, o que não deixou de ser um **ALÍVIO** para mim que não confiava muito em aviões pequenos. Na verdade,**VÍRGULA** tinha um pouco de medo,**VÍRGULA** dada a fragilidade do aparelho em que viajamos.

Depois de estacionar,**VÍRGULA** descemos e nos dirigimos a uma casa grande que se encontrava do outro lado da rua. Uma larga escadaria com aproximadamente dez degraus ia da calçada até o portal de entrada. Subimos os três e nos encaminhamos **em direção da À portaria**. Outra escada, menor que a anterior, subia até um pórtico coberto; **NO** final,**VÍRGULA** uma porta de madeira marrom escura introduzia a um átrio interno, sem móveis nem enfeites de qualquer natureza. O Fundador e o Mestre continuavam sorrindo em cumplicidade. Eu, **SÉRIO**, aguardava...

Esperávamos já alguns minutos em silêncio quando de repente uma porta lateral se abriu,**VÍRGULA** deixando passar uma senhora morena de cabelos lisos, alta e forte, vestindo uma túnica longa de cor cinza escuro. Segurava debaixo do braço direito um grande e grosso livro de capa preta. Ao ver-nos, sorriu e fez um sinal com o braço livre como que cumprimentando a todos. O Mestre tornou a repetir as palavras que dissera ao Fundador quando os dois apareceram em casa, apresentando-me à senhora. Ela, sem deixar de sorrir,**VÍRGULA** olhou em meus olhos durante alguns instantes **SEM VÍRGULA** e balançou a cabeça afirmativamente como dizendo que sim; eu não sabia o

Sonhos meus

que significava, mas gostei de ser 'aprovado'. O Fundador olhou para mim piscando um olho sorrateiramente. O foi impressão minha?

A **SEGUIR,VÍRGULA** a senhora fez sinal para entrarmos todos **NA** casa pela porta que ela usara para sair ao átrio. Nesse instante, quando todos estávamos entrando, apareceu um jovem correndo para me avisar que a polícia rodoviária havia guinchado minha caminhonete preta porque estava mal estacionada. Pedi licença com o olhar à senhora **SEM VÍRGULA** e desci correndo as escadas em direção à rua; virei à direita pela calçada e vi o veículo no outro quarteirão sendo levado pelos guardas. Alcancei a comitiva e disse **ÀQUELE** que parecia o comandante do grupo que não poderiam fazer isto comigo, estava a ponto de casar-me e a noiva estava esperando. Além do mais,**VÍRGULA** deveríamos usar o carro para sair depois do casamento.

O guarda olhou para mim, coçando a cabeça**SEM VÍRGULA E** concordou com meu pedido. Mandou **aos outros liberarem (SUGERIMOS COLOCAR MANDOU QUE OS OUTROS LIBERASSEM)** o carro**SEM VÍRGULA E** eu, muito alegre pelo **FATO**, retornei à casa guiando, disposto a participar de meu próprio casamento.

III

O CHUGO E O CAVALO



Sonhos meus

Sonhos meus

O local tinha todas as características de uma Comunidade religiosa ou pelo menos de prática espiritual ascética-mística. Era como um sítio com uma pequena casa central, constituída por uma sala e um quarto **SEM VÍRGULA E** em volta dela várias casinhas espalhadas entre árvores e jardins floridos. Na espaçosa sala da casa central só havia um tapete descolorido e maltratado pelo tempo sobre o piso de madeira. Ao fundo, à direita, a porta que a acessava, **EM FRENTE A** outra – **(ESPAÇO)** que servia de entrada aos aposentos do mestre **SEM VÍRGULA E** por isto sempre fechada **(ESPAÇO) – (OU HÍFEN OU VÍRGULA, NESTE CASO JÁ HOUVE UM HÍFEN ANTES DESTA IDEIA, DEVE VIR OUTRO QUE A FECHE)** estava entreaberta. A única janela no meio da parede branca estava coberta com uma cortina amarela listrada de branco. Um discreto cheiro **ocre (OCRE É UMA COR OU UM TIPO DE ARGILA. ACRE PODE É UMA SENSAÇÃO. SUGERIMOS USAR ACRE)** adocicado se sentia no ar, como se fosse proveniente de uma vareta de incenso; mas não era.

Fora isso, só o som; melodioso, rítmico, animado.

Ensaivava-se repetidamente uma bela e antiga canção folclórica argentina **(MINÚSCULA)**, que fala sobre coisas profundas da alma e que dizia assim em algumas de suas estrofes:

Donde está mi corazón,
que se fue tras la esperanza,
tengo miedo que la noche,
también me deje sin alma.

.....
*Cuando se abandona el pago
y se empieza a repechar,
tira el caballo adelante*

Sonhos meus

y el alma tira pa atrás.

À margem direita da janela, encostado na parede, um jovem de uns 30 anos acompanhava a música com um velho violão, que apesar do trato do tempo, ainda soava adequadamente; à sua esquerda, um outro rapaz ainda mais jovem, fazia o coro. Eu mesmo, enfrente a ele, complementava o coral assim formado **SEM VÍRGULA E** à minha direita, o Mestre seguia atentamente o desenrolar dos acontecimentos. Só se escutava a música tocada no violão e a cantoria do nosso improvisado coral. Sentados todos no chão **EM CIMA** do tapete, ensaiando indefinidamente a música citada, ninguém se apercebeu da hora até que o rapaz mais jovem assim falou:

- *“Creio que passamos da hora; são 15:30 e devemos fazer o horário de silêncio e descansar um pouco”.*

- *“Agora não adianta mais”* - disse o Mestre **(ESPAÇO)** - *“O tempo já passou e o descanso ficou para trás; continuemos cantando, pois essa música me traz boas lembranças.”*

Assim o fizemos até o momento que entreguei ao Mestre um pequeno cavalo de couro com pelos castanhos, que me disseram que deveria dar-lhe nesta ocasião. Como era um símbolo, o Mestre entenderia, **DISSE-ME** o portador do presente.

Agora que penso no assunto, não poderia dizer quem foi exatamente que me entregou o cavalo e o recado para o Mestre. Tento relembrar o fato e não encontro um rosto nem uma figura que possa satisfazer a dúvida. Apenas suspeito, mas não arriscaria um palpite.

Sonhos meus

Depois que o Mestre levou o cavalo a seu quarto, voltou para a continuação da cantoria que havia cessado por causa da minha interrupção anterior.

Instantes após a retomada do canto, um surdo e estrepitoso barulho se fez sentir do lado de fora. **SUGERIMOS RETIRAR ESTE HÍFEN** “*Parece um disparo de arma de fogo*” - disse eu com ar preocupado, levantando-me imediatamente e olhando pela janela.

Lá fora, entre as casinhas e os jardins, distante uns trinta metros do local onde estávamos, a Senhorita **SEM PONTO M.** carregava numa mão uma espingarda **SEM VÍRGULA** e na outra, um animal desconhecido para mim, parecido com uma cobra, porém mais curta e grossa, com uma enorme boca cheia de dentes afiados, pendurada cabeça para **BAIXO**.

Algumas outras Senhoritas acompanhavam a cena com preocupação e alegria; preocupação porque, como depois fiquei sabendo, esse animal poderia ser mortal para o homem; e alegria, porque jazia abatido de forma pouco usual, carregado como um troféu de caça, sujeito pela cauda, cabeça para **BAIXO**.

Ao verem que nós quatro estávamos olhando pela janela, com os olhos arregalados, **VIERAM EM** nossa direção objetivando seguramente esclarecer os fatos. A Senhorita M. disse ao chegar, com um ar de triunfo: - “*É um Chugo, Mestre; quem sabe o que estaria fazendo por aqui. Mas agora está morto!*”

- “*A última vez que vi um desses, eu era seminarista. Há muito tempo atrás...*”, disse o Mestre à sua vez. Esta declaração deixou todo o mundo nervoso; **PODIA-SE VER** na expressão dos rostos e nos movimentos involuntários do corpo, parecendo um calafrio ou um ataque de Parkinson.

Sonhos meus

- “O que é um Chugo?” - atinei a perguntar olhando em todos os semblantes, procurando uma explicação.

Como ninguém disse palavra alguma, **VÍRGULA** tentei olhar o tal de Chugo mais de perto, mas o Mestre me impediu com seu braço. -“É muito perigoso; não se acerque a ele. Coloque-o no chão, Senhorita, assim poderemos vê-lo melhor”.

Assim que foi depositado no lugar indicado, esticado e com a boca aberta, apareceu um gato preto que entrou na boca do Chugo, passando de lado a lado e fazendo piruetas pelo céu da boca, como para demonstrar que estava bem morto. Ninguém soube de onde viera o gato, já que na Comunidade não havia nenhum **SEM VÍRGULA** e os poucos que poderiam existir pela vizinhança estavam com medo dos cães de guarda e nunca apareciam por ali.

O Mestre então solicitou ao grupo silêncio e concentração para que pudéssemos visualizar como era o animal vivo e como realizava seu ataque. Imaginamos todos que a experiência fosse **extra-sensorial (COM A ÚLTIMA REFORMA ORTOGRÁFICA, ESTA PALAVRA PASSOU SER ESCRITA ASSIM: EXTRASSENSORIAL)**, pois resultaria difícil enfrentar um bicho desses no mundo real.

Assim, no silêncio, cada um imaginou por intermédio da mente do Mestre, como era o animal. Não sei dos outros, mas minha experiência foi marcante!

Vi andando pelo chão, arrastando-se e serpenteando rapidamente em nossa direção, um destes animais. Era bem grande; media mais de dois metros de comprimento **SEM VÍRGULA E** a espessura do corpo permitia caber em pé um objeto de trinta centímetros. Sua boca, de diâmetro pouca coisa maior que o corpo

Sonhos meus

possuía duas fileiras de dentes triangulares, afiados, dispostos em semicírculo. A mordida deveria ser mortal mesmo!**SÓ O PONTO DE EXCLAMAÇÃO**

Quando chegou perto de nós, parou, olhou em nossa direção e se preparou para pular na garganta de alguém. Eu imaginei que eu fosse o escolhido **SEM VÍRGULA** e isso me causou um calafrio descomunal, dando um passo atrás instintivamente.

Alguma coisa dentro de mim me disse para gritar alto e gesticular para ele como se eu o estivesse atacando. Feito isto, o animal ficou como que paralisado por alguns instantes **SEM VÍRGULA** e foi quando aproveitei para matá-lo.

*“Muito bem”, disse o Mestre para mim. **ESTE HÍFEN NÃO É NECESSÁRIO** “O Senhor aprendeu a lição. É exatamente nesse instante de perplexidade e de ilusão que devemos matar o animal que nos espreita, caso contrário ele pode acabar com nossa vida”. Enquanto dizia estas palavras todos nós voltamos ao estado de vigília anterior à experiência, de modo a poder entender melhor a explicação recebida.*

Nunca soube o que era o Chugo nem mais ouvimos falar dele entre os amigos do grupo. Ele tinha conseguido naquele momento cortar a relação com a música e com nossa cantoria. O coral seguiria ensaiando, algum dia... A alma que retornava às origens continuaria lutando com o cavalo da canção **SEM VÍRGULA** e a história seguiria seu rumo, inevitavelmente.

Como todos nós.

Sonhos meus

IV

A PIRÂMIDE

Sonhos meus



O automóvel deslizava pela beira do precipício; o caminho, largo e empedrado, era bastante seguro para o trânsito, permitindo a passagem de dois veículos simultaneamente. Era uma manhã ensolarada com um céu límpido e azul claro sem nenhuma nuvem visível. A paisagem de vales e montanhas com aquela represa ao fundo e o caminho serpenteando na descida pareciaM uma pintura.

Sonhos meus

Ao finalizar uma reta de uns cinqUenta metros, **VÍRGULA** o caminho se bifurcava iniciando uma pronunciada curva à direita e uma mais suave à esquerda com inclinação para o vale. Aparentemente esta era a direção a seguir, pois a outra estrada era mais estreita, embora melhor cuidada. Quando olhei pela janela em direção ao caminho secundário vi, no alto de uma plataforma cortada na montanha, duas estruturas piramidais de tamanho considerável. A primeira delas possuía, **VÍRGULA** na altura do segundo terço superior, **VÍRGULA** uma espécie de círculo de uns três metros de diâmetro, que emitia uma luz ou reflexo que atravessava o céu claro e se perdia no infinito. No centro do que parecia ser um grande espelho, nuvens brancas rodopiavam em torvelinho fazendo com que a luz refletida como que dançasse no ar. O fecho formado era paralelo, não se abrindo em cone como deveria acontecer conforme as leis da física. A segunda pirâmide nada tinha de especial, então prestei menos atenção a ela, ao contrário do que aconteceu com a primeira.

Meu tio, que dirigia o carro e que era nosso cicerone nesta viagem, **VÍRGULA** explicando cada detalhe das belezas que encontrávamos pelo caminho, disse sorrindo ao ver minha cara de assombro: *“Isso é propriedade particular, creio que de algum sábio ou louco, pois construir um troço desses no meio da montanha, não sei... Bem, pode ser algo relacionado com religiões ou seitas, segundo o que se comenta por aqui. Se vocês quiserem podemos tentar uma visita”*.

O carro estava parado no meio do cruzamento; virei para o banco traseiro e olhando para minha esposa e minha mãe, que nos acompanhavam na viagem, inquiri **(SUGERIMOS TRAZER A EXPRESSÃO a opinião delas E COLOCAR AQUI)** com meu olhar e com uma

Sonhos meus

expressão típica de quem é curioso por natureza, a ~~opinião delas~~ SEM VÍRGULA E ante o assentimento mudo e cúmplice de ambas disse a meu tio: “Então vamos lá!”.

Enquanto meu tio virava o volante do automóvel à direita e colocava o veículo em movimento, disse calmamente: “Se tivermos sorte e permitirem a visita, eu deixo vocês e retorno À tarde para buscá-los. Ali eu não entro por nada do mundo!”. Concordamos com isto e nos dirigimos em direção da primeira pirâmide, à do facho de luz, a qual tinha chamado poderosamente nossa atenção.

A única abertura visível da construção era uma grande porta de folhas duplas, de madeira maciça avermelhada e lustrada parecendo com as portas de antigos castelos medievais. A meia altura, do lado direito, uma argola de bronze com cabeça de leão fazia ÀS vezes de campainha. Sem pensar muito e sem temor desci do carro e bati à porta. Alguns instantes depois um jovem vestindo um uniforme azul claro abotoado até o pescoço com botões dourados finalizando num colarinho estilo Mao, muito educadamente perguntou o motivo de haver chamado.

“Gostaríamos de visitar esta pirâmide” – ESPAÇO disse eu, com tom de humildade ESPAÇO - “TALVEZ o proprietário o permita; somos somente nós três e gostaríamos de observar o fenômeno do facho de luz refletido no alto”.

O jovem que parecia o mordomo disse então, delicadamente: “Não creio que seja possível; dificilmente recebemos visitas por aqui SEM VÍRGULA E o motivo apresentado como pretexto parece-me mais mera curiosidade do que real necessidade; de qualquer forma irei consultar o proprietário, pois ele é quem decide”

Sonhos meus

Alguns minutos depois voltou **SEM VÍRGULA E** com a face ruborizada pelo mau momento e seu provável desapontamento, disse que o proprietário já estava esperando por nós e que tinha preparado um coquetel de boas vindas. **FEZ-NOS** entrar **EM** uma ampla sala ricamente decorada, com tapetes orientais de diversas origens, quadros de pintores raros e famosos, móveis de muito bom gosto que acompanhavam o ambiente sofisticado e um grande espelho emoldurado sobre uma das paredes, o que parecia prolongar o ambiente. Havia uma grande escadaria de mármore branco no meio da sala, que ao mesmo tempo servia de divisória para outra sala pouco menor, que parecia de jantar, pela grande mesa e as numerosas cadeiras que ali se encontravam. Apesar **DE A** estrutura ser piramidal por fora, nada denotava no interior qualquer inclinação das paredes. Chamou profundamente nossa atenção o fato de não haver janelas para o exterior, nem lustres ou candelabros que iluminassem a sala, porém, uma difusa e agradável claridade permitia enxergar todos os detalhes como se fosse de dia. Muitas pessoas, tanto homens como mulheres, todos vestidos iguais ao que parecia o mordomo, completavam o quadro.

Em um canto da espaçosa sala, sentado num sofá alto de couro marrom, em frente a uma pequena mesa redonda de centro, um homem vestido de cinza escuro, com os mesmos detalhes dos outros, botões dourados e colarinho tipo Mao, deixou o grosso e envelhecido livro que estava lendo e o cachimbo que fumava, em cima da mesinha redonda **SEM VÍRGULA E, A VÍRGULA FICA AQUI** com um largo sorriso na face, fazendo gestos com os braços abertos como se quisesse abraçar-nos a todos, pediu para entrarmos e compartilhar com ele este momento.

Sonhos meus

De estatura mediana, nem gordo nem magro, parecia ter uns 58 ou 60 anos pela prata de seus cabelos e seu porte juvenil; a profundidade do seu olhar, no entanto, denotava a antiga sabedoria dos mestres, aparentando ter ultrapassado os dois séculos...

*“Sei que estão curiosos por saber acerca do ‘espelho’ que se encontra no alto da pirâmide” – ESPAÇO disse logo no início **SÓ O PONTO FINAL, SEM O HÍFEN**. “Imagino, ou melhor, sei, que vossa curiosidade não é vã, mas provém de uma busca interior, de uma necessidade de alcançar um objetivo espiritual. Já tinham me avisado de vossa visita, então preparei um aperitivo e um almoço, **VÍRGULA** antes de entrar direto no assunto”.*

Sem saber o que pensar nem o que dizer, aceitamos o convite. Meu tio tinha ido embora e não havia outra alternativa a não ser conhecer o enigma, apesar do frio que percorria nossa espinha, especialmente a da minha mãe, **(ESTA VÍRGULA VAI FICAR DEPOIS DO QUE)** que, **APESAR** de gostar de mistérios, tinha pouca disposição para enfrentá-los.

Foi servido um vinho tinto de categoria superior, corretamente conservado em adega durante muitos anos, pelo sabor e **O** aroma que se desprendia da larga taça de cristal em que foi servido. Sem temor **DE** ser soberbo, conheço bastante de vinhos e este era espetacular! Inclusive minha esposa, que não bebe quase nada, tomou duas taças. O acompanhamento foi de canapés com algum molho de delicada textura e sabor que não consegui reconhecer e não me atrevi a perguntar.

Trocamos algumas reflexões e idéias com o anfitrião enquanto éramos servidos permanentemente por algumas das pessoas que havíamos visto ao entrar.

Sonhos meus

Todos trabalhavam em alguma tarefa, em silêncio e ordem, sabendo cada um o que deveria fazer. O silêncio era total, salvo uma música de fundo que parecia brotar das paredes, suave e formosa que deixava um sentimento de paz e tranqUilidade nos ouvintes.

Perguntei ao proprietário se este grupo pertencia a alguma seita ou grupo religioso, ou se eram empregados uniformizados cumprindo seu papel. Ele fez como se não tivesse ouvido e continuou a falar **DE** outro assunto; pelo menos essa foi a minha impressão.

Passada uma hora, mais ou menos, o proprietário nos convidou a passar à sala de jantar, indicando previamente um lavabo para lavar-nos. Assim que acabamos entramos na sala, onde uma mesa com aproximadamente quarenta lugares estava servida. As cadeiras de espaldar alto forradas de cetim branco combinavam com o ambiente sóbrio; a mesa com toalha branca bordada estava ricamente decorada com louça inglesa, jogo de taças de cristal entalhado, talheres de prata e centros de mesa com flores naturais frescas que **AROMATIZAVAM** o ambiente. Jarras de sucos naturais e de água, garrafas de vinho tinto e branco já abertas completavam a mesa. Por trás de cada cadeira estavam distribuídas as pessoas da casa, menos a cabeceira e três lugares ao lado. Foi me oferecida a frente da mesa como homenagem especial, sem que soubesse **PORQUÊ**; à direita sentou-se o proprietário e em frente a ele minha esposa. Minha mãe ficou ao lado dela.

Todos estavam em pé e em silêncio. A música de fundo continuava a tocar. O proprietário disse alguma coisa em idioma desconhecido e, logo após, todos se sentaram. Quatro pessoas serviam o almoço e ofereciam permanentemente vinho, sucos e água. O que comemos

Sonhos meus

não tem importância, pois o diálogo que se seguiu foi por demais importante para lembrar de cardápios.

O proprietário começou dizendo: *“Como podem ver, as pessoas que aqui moram não são empregados SEM VÍRGULA E se o fossem não seriam mais bem tratadas em qualquer lugar do mundo. Isto, porque temos uma idEia de humanidade que ultrapassa os limites do racional. Em relação ao que eles fazem aqui é muito cedo para falar desse assunto, mas para adiantar alguma coisa lhes direi que são voluntários no trabalho e aprendem uns dos outros a filosofia de vida”*.

Após a salada e a entrada de frios, constituída por queijos de variados tipos, veio o prato principal, servido em suntuosa bandeja de prata coberta com um tampo semicircular, VÍRGULA arrematado por um leão que servia de alça. Pensei comigo: *“Outra vez o leão!”*. Não foi servida carne vermelha; em seu lugar uma ave que parecia faisão ou algum galináceo diferente estava no meio da bandeja, fatiado e arrumado no lugar, guarnecido com vegetais. Mais tarde, a sobremesa, com variadas e deliciosas frutas frescas da estação SEM VÍRGULA E finalmente o tradicional cafezinho preparado na mesa. Durante a refeição ninguém falava, porém todos acompanhavam atentamente as nossas conversas. Nem o clássico barulho dos talheres se fazia ouvir.

“Bem” – ESPAÇO disse o anfitrião ESPAÇO - “Está na hora de continuar a explicação. Convido vocês a passar ao andar superior para que possam ver o segredo do facho de luz. Como já lhes foi informado, VÍRGULA poucas pessoas VÊM (O VERBO VIR, NA TERCEIRA DO PLURAL, PRESENTE DO INDICATIVO, LEVA ACENTO CIRCUNFLEXO) por aqui, APESAR da curiosidade reinante em torno do povoado”.

Levantamos todos da mesa e nós três nos dirigimos em direção À escadaria de mármore seguindo o anfitrião. Não pude deixar de reparar em um jogo de xadrez que se encontrava em cima de um armário encostado na parede da sala de visitas; era o do tipo tradicional, porém com peças com o dobro do tamanho, uns dez centímetros de altura. Ao ver um traço de admiração em meu rosto, VÍRGULA o proprietário disse: “*Vejo que gosta de xadrez; vou mostra-lhe outro jogo que possuo e que está guardado para ocasiões especiais*”.

Abriu então a porta de outro armário e retirou de dentro dele uma caixa de couro grande; ao abri-la, VÍRGULA deixou à mostra trinta e duas peças de xadrez do mais puro marfim, brancas e pretas, simbolizando o que deveria ser uma batalha entre cristãos e mouros, finamente entalhadas e do tamanho de um palmo de mão aberta. Delicadamente as colocou em cima da mesa para que pudéssemos apreciar toda sua beleza. Não entrarei em detalhes para descrever as raras e formosas esculturas, obra de algum mestre na arte de entalhar marfim; somente direi que fiquei apaixonado pelo jogo e não tentei disfarçar minha admiração, o que causou uma visível satisfação no anfitrião.

Seguimos para o andar superior e nos encontramos com outra porta de folhas duplas, similar à da entrada. Novamente estava claro, mas não se observavam janelas. Ao abrir, uma visão pouco comum nos deixou **estarecidos (ESTARRECIDO EM PORTUGUÊS SIGNIFICA APAVORADO. SE ENTENDEMOS CORRETAMENTE A FRASE, SUGERIMOS A PALAVRA ASSOMBRADOS)**; no centro da uma sala não muito grande, um enorme órgão medieval deixava escapar o som que sempre ouvíamos e que não sabíamos de onde

vinha; à frente, um homem baixo, de cabelos loiros escuros e encaracolados, com um grande bigode da mesma cor, tocava incansavelmente belas melodias. Do centro do órgão, devido provavelmente à vibração das notas musicais em escalas adequadamente tocadas, surgia um feixe de luz radiante que se dirigia a uma janela circular e se projetava para fora.

Por trás do instrumento musical, uma mesada de madeira grossa com várias protuberâncias metálicas dispostas aos pares, estava sendo percutida com um grande carimbo de madeira com empunhadura de metal fundido com forma de leão, por outro sujeito, mais alto e magro que o primeiro. O som parecia o de um carrilhão de relógio, aumentando ou diminuindo a amplitude conforme a saliência golpeada. Isto formava no espaço de vibração do órgão um vórtice em redemoinho que simulava uma dança da luz.

“Então era isto o que víamos lá fora!” – ESPAÇO
Exclamei com surpresa ante o sorriso enigmático dos três da casa **SEM HÍFEN**. *“Suponho que haverá uma explicação para isto, já que é algo totalmente diferente daquilo que costumamos ver. Nunca soube que a vibração de notas musicais pudesse ser transformada em luz ou energia radiante”.*

*“Mas pode” - ESPAÇO disse o anfitrião ESPAÇO - “Tudo é vibração**SEM VÍRGULA E** se entramos em sintonia com ela podemos descobrir coisas maravilhosas. Vocês já ouviram falar do fenômeno de ressonância?**SEM PONTO FINAL** Isto significa que quando algum evento vibra na mesma faixa de comprimento e freq**U**ência de onda de outro, o segundo começa a vibrar em ressonância com aquele. Por isto é que alguns grupos, principalmente orientais, utilizam diversos mantras vocalizados a fim de despertar*

Sonhos meus

vibrações especiais na comunicação espiritual. Também grandes místicos na história da humanidade se valeram deste fenômeno para provocar feitos tidos como milagres na época”.

À medida que falava, sentado em frente à mesa com protuberâncias em lugar do outro que golpearia anteriormente, batia freneticamente as saliências provocando sons maravilhosos que se somavam aos do órgão. Olhava alternadamente para o sujeito loiro escuro do instrumento e para nós, sorrindo sempre **SEM VÍRGULA E** variando as notas em cumplicidade com o outro, provocando novas danças luminosas e multicoloridas no ar; a energia parecia jorrar com mais força através da janela circular **SEM VÍRGULA E** se espalhava ao mesmo tempo dentro da casa dando a impressão que era de dia.

Muitas perguntas circulavam pela minha mente e não sabia qual formular primeiro; isto foi percebido pelo proprietário porque falou antes que eu pudesse abrir a boca, dizendo que tudo viria a seu tempo, para não me preocupar com elementos não transcendentais, já que as respostas às minhas dúvidas não iriam aclarar nada nessa ocasião. Devíamos, segundo ele, aguardar as revelações que viriam depois.

Mesmo assim, minha curiosidade era maior do que o pretenso silêncio, então arrisquei perguntar quem era ele e o que fazia naquele lugar.

Um forte golpe na última saliência da mesada me trouxe de volta à realidade...

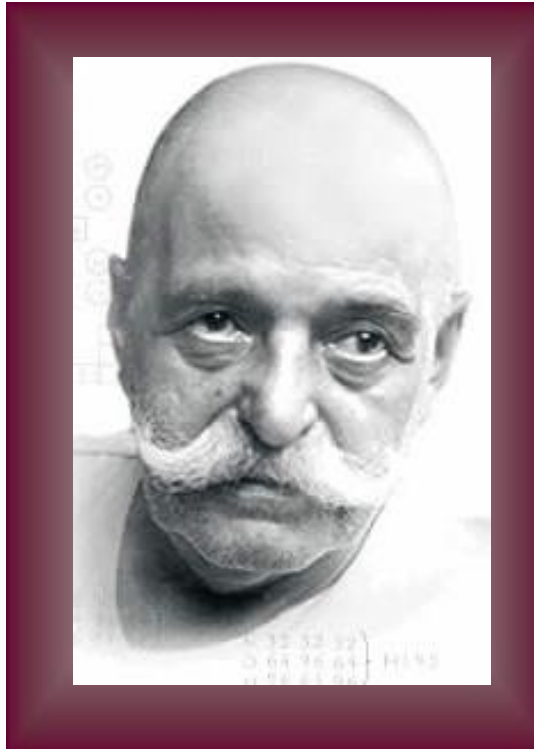
Acordei sobressaltado pulando da cama; os últimos traços de luz se esvaíram na escuridão do quarto. Eram **SEM AS** quatro e vinte da madrugada...

Sonhos meus

V

ENCONTRO COM GURDJIEFF

Sonhos meus



Acordei com a nítida sensação de haver conversado realmente com aquele ser que ainda me intrigava, mesmo após ter lido numerosos livros escritos por ele e muitos outros ainda por seus amigos e discípulos.

Justamente acabava de ler um texto que lhe fazia referência pessoal e especialmente sobre sua análise do homem e seu viver dormindo, o que permitia que a própria vida o vivesse, perdendo a chance da transcendência. **TALVEZ** esta imagem fosse a razão do

sonho que tive Nesse dia de grande comoção espiritual, já que estávamos cercados por pessoas de altíssimo desenvolvimento interior e em um ambiente de profunda reverência e energia telúrica.

De repente, sem saber de onde e sem questionar o fato, Gurdjieff se faz presente ante mim, com seus fartos bigodes e seu olhar inquisidor, afirmando-me que a maioria dos seres humanos comuns estão **ADORMECIDOS** para as verdadeiras realidades da existência, sendo como máquinas movidas por fatores externos, sem poder controlar suas vidas, como não pode uma máquina servir-se sozinha do combustível necessário para seguir funcionando.

Dizia que ao *homem máquina*, dependente totalmente de influências externas, pode **OCORRER** qualquer coisa; ele agora é um, logo mais é outro **SEM VÍRGULA E** um momento depois, um terceiro **SEM VÍRGULA E** por isto, não tem futuro de classe alguma; **ENTERRAM-NO** quando morre – **ESPAÇO** fisicamente, pois mentalmente já está morto **ESPAÇO** - e isso é tudo. Para que possa falar de alguma **classe (A PALAVRA CLASSE NÃO É INCORRETA, MAS EM PORTUGUÊS SERIA MELHOR COLOCAR ALGUM TIPO)** de vida futura, é preciso que tenha certa cristalização, certa fusão das qualidades interiores do homem, certa independência das influências exteriores.

Dizia ainda que os três sistemas utilizados, mais conhecidos daqueles que tendiam a alcançar estas qualidades interiores, eram:

O Caminho do Faquir, o qual requeria uma longa e dolorosa tortura do corpo, sendo que este caminho não desenvolvia as faculdades emocionais e intelectuais, ao desenvolver a vontade física para alcançar a transcendência.

Sonhos meus

O *Caminho do Monge*, que é o caminho da fé, do jejum, da meditação e da contemplação, sendo o foco de um firme sentimento religioso e do próprio sacrifício. Porém, neste método, se bem os sentimentos **POSSAM** concentrar-se em uma unidade, são descuidados o corpo físico e as faculdades do raciocínio.

O *Caminho do logue*, que é o caminho do conhecimento, da mente e da autoconsciência, mas **INCLUSIVE** o logue deixa seu próprio corpo e suas emoções sem desenvolver devidamente.

Por isto, Gurdjieff insistia na existência de um *Quarto Caminho*, ao qual também chamava *Caminho do Homem Astuto*, que consistia em cultivar simultaneamente o corpo, a mente e as emoções sem requerer um afastamento da sociedade, como nos outros três sistemas. Neste caminho, o discípulo não deveria fazer nada que não compreendesse, salvo sobre uma base experimental e guiado por um Mestre.

Dizia que o homem que segue o Quarto Caminho sabe com toda clareza que substâncias necessita para seus fins **SEM VÍRGULA E** que estas substâncias podem produzir-se dentro do corpo por um mês de sofrimento físico, por uma semana de tensão emocional ou por um dia de exercícios mentais **SEM VÍRGULA E** também que pode ser introduzidos no organismo desde fora, se **SOUBER** como fazê-lo. E assim, que em lugar de passar todo um dia fazendo exercícios como um logue, toda uma semana de oração como um Monge, ou todo um mês torturando-se como um Faquir, prepara e engole uma pílula que contém todas as substâncias **DE** que necessita, similarmente aos Alquimistas com seu elixir da vida e, dessa maneira, sem perda de tempo, obtém **EM (TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR)** os resultados desejados, quer dizer, obtém a transcendência.

Sonhos meus

Como exemplo, ele me contava sua experiência pessoal; quando necessitava dinheiro para cumprir a Obra, não hesitava em pintar pardais com tinta amarela e vendê-los no mercado como canários de regiões remotas e exóticas, auferindo o necessário para continuar seu caminho.

“NISTO é que consiste a transcendência” – DISSE-ME. “Sem dramas”.

Claro que com meu conceito de moral, **VÍRGULA SENTI-ME me senti** chocado com esta proposição; estaríamos propositalmente ludibriando **OS OU SEM NADA** nossos semelhantes com tamanha arbitrariedade. Porém, como que lendo meus pensamentos Gurdijieff me disse: **“Não pense bobagens, rapaz; eles estão tão ADORMECIDOS que não fará diferença alguma”.**

Como disse **NO** começo, acordei sobressaltado, com a nítida sensação de haver conversado realmente com ele...

VI
AGATHA CHRISTIE

Sonhos meus



O local era de difícil acesso e **mais ainda o de tentar descrevê-lo (SUGERIMOS CONSTRUIR ESSA FRASE ASSIM: E MAIS DIFÍCIL AINDA O TENTAR DESCRREVÊ-LO)**. Perto de uma rodovia, havia que subir ao **sítio(EM PORTUGUÊS, A PALAVRA SÍTIO NÃO É INCORRETA NESSA ACEPÇÃO, MAS NÃO É USADA ASSIM. SUGERIMOS USAR LUGAR OU LOCAL)** através de um elevador ao ar livre, o qual consistia em somente uma porta,**VÍRGULA** não havendo lugar para ficar em pé; a

Sonhos meus

subida era individual e havia que se apoiar numa saliência discreta onde mal cabia o sapato de lado **SEM VÍRGULA E** ainda **devia agarrar-se (SUGERIMOS DIZER: ERA NECESSÁRIO AGARRAR-SE)** firmemente em cima da porta para não perder o equilíbrio e cair. **De todas formas (ESTA EXPRESSÃO NÃO É A USADA EM PORTUGUÊS. A QUE A TRADUZ É: DE QUALQUER FORMA)** a altura era de poucos metros **SEM VÍRGULA E** o ascensorista permanecia **no lado de cima (OU LADO OU EM CIMA. SUGERIMOS NA PARTE DE CIMA)** do **LOCAL, VÍRGULA** incentivando **SEM A** todos a subir.

Depois que subimos, **VÍRGULA DIRIGIMO-NOS em direção de (EM DIREÇÃO AO OU NA DIREÇÃO DO)** casario paupérrimo que se avistava não muito longe. As ruas tortuosas e mal cuidadas não tinham nome ou qualquer outra identificação. Chegar aonde íamos parecia ser um grande sacrifício **SEM VÍRGULA E** pior ainda porque não sabíamos aonde tínhamos que ir nem o que fazer quando chegássemos lá.

À frente da comitiva de três pessoas, **VÍRGULA** ia o jovem que nos havia feito o convite, seguido por mim, logo atrás **SEM VÍRGULA E** minha esposa um pouco **DEPOIS**. O jovem em questão devia ter entre 30 e 40 anos, era loiro de cabelos lisos, um pouco compridos caindo sobre os olhos, discretamente sorridente, mas não pronunciava palavra alguma; só mostrava as coisas que queria evidenciar com um leve aceno ou com sua mão estendida, nada mais do que isso. Nem sequer sabíamos seu nome.

Desta forma, **VÍRGULA** acenou para uma casinha de aspecto lúgubre quase ao fim da rua principal. Fez um sinal para que entrássemos, franqueando a entrada.

AO penetrar na espécie de sala-dormitório vimos três senhoras idosas, com mais ou menos 80 anos; uma

Sonhos meus

delas estava sentada numa velha cadeira de palha encostada na parede lateral da sala; a outra estava sentada à mesa, fazendo algum trabalho manual; a terceira estava de camisola branca bordada, VÍRGULA deitada numa cama na parede oposta À primeira citada. O quadro era lastimável, pois parecia que o tempo havia parado SEM VÍRGULA E a lentidão do momento se arrastava com muita dificuldade.

A senhora da cadeira na parede falou primeiro e disse que a senhora da cama era Agatha Christie, a famosa escritora de contos de mistério SEM VÍRGULA E que agora, por força das circunstâncias, estava prostrada e inutilizada.

Mesmo sabendo que ela já havia morrido, não atinei COM este fato e me empolguei para entabular uma conversa com ela. Assim, VÍRGULA relatei que havia lido seus livros – ESPAÇO não todos, é claro ESPAÇO - mas a maioria SEM VÍRGULA E que me sentiria muito feliz se ela continuasse a escrever. Disse então que era impossível, que estava muito fraca e não tinha forças nem para SEGURAR a pena, de tanta fome e miséria que estava passando. Sugeri que podia ditar a história SEM VÍRGULA E alguma de suas amigas ou outra pessoa qualquer poderia escrevê-la. Impossível, disse, cortando a conversa.

Então minha esposa, que havia permanecido em silêncio observando o quadro, DISSE-ME que o que elas precisavam era de uma ajuda financeira para sair da crise. Concordei com ela e deixamos uma quantia de dinheiro suficiente para os primeiros gastos; mais adiante veríamos o que fazer.

O jovem anfitrião fez sinal para que fossemos embora, pois a missão estava cumprida. Ainda não me dera conta do motivo da visita nem da missão a que se

Sonhos meus

referia, mas como era convidado, **VÍRGULA** aceitei a indicação e após as despedidas de praxe nos retiramos.

Continuamos andando entre as casas, mas não vimos **alma viva (EM PORTUGUÊS ESSA EXPRESSÃO SERIA VIVA ALMA)** em lugar algum. Digo isto desta forma porque mais se parecia a um cemitério do que a um povoado qualquer. Mesmo animais domésticos ou aves estavam ausentes, como se não houvesse vida nesse local, porém a sensação de que todos os moradores estavam espiando por trás das janelas, desde que chegamos, não nos abandonou.

O nosso jovem amigo não pronunciava nenhum som **SEM VÍRGULA E** pensando nesta situação, quase sem percebê-lo, **APROXIMAMO-NOS** do elevador que nos levaria de volta para a estrada principal. Antes de subir, **VÍRGULA** percebi que minha esposa havia ficado para trás.

Uma espécie de desassossego me acometeu ante a perspectiva de sabê-la **TIRAR UM ESPAÇO** perdida no meio desse casario; mesmo assim, para não magoar seus sentimentos e sua privacidade, **VÍRGULA** preferi ficar e esperar seu retorno **o qual (SUGERIMOS COLOCAR: O QUE)** comuniquei ao nosso amigo, que em resposta limitou-se a sorrir, como sempre.

Passados uns quarenta minutos ela apareceu ao longe com ar cansado. Na realidade, **VÍRGULA** a distância entre o povoado e o elevador não passava de uns duzentos metros, mas o trajeto parecia maior por causa das curvas e meandros do caminho. Ao ser interpelada sobre a sua demora, com um aspecto de ausência e de conflito interior, disse que se havia perdido e não encontrou ninguém para perguntar como voltar.

Sonhos meus

Lembrei então da dificuldade de localização que apresentava (SUGERIMOS COLOCAR VINHA APRESENTANDO OU APRESENTARA) após um acidente vascular cerebral que tivera um tempo atrás SEM VÍRGULA E da falta de critérios para encontrar uma saída a qualquer situação SEM VÍRGULA E isto me produziu um aperto no coração e uma sensação de vazio. De que forma poderia ajudá-la a superar este trauma? Como faria para recolocá-la no antigo lugar de destaque que sempre teve?

Com um nó na garganta e um maior aperto no peito, acordei sobressaltado. Era um sonho... mas muito real! Algum significado teria para haver sido dessa forma. Alguma mensagem escondida devia haver neste símbolo. O que poderia significar tudo isto?

Melhor disposto, alguns minutos depois – ESPAÇO ainda noite-, OU HÍFEN OU VÍRGULA pensei na possibilidade de que ela, que agora pertencia a outro plano, poderia estar querendo me dizer alguma coisa e o fazia através dos sonhos,(SUGERIMOS TERMINAR ESTA FRASE AQUI). De que outra forma poderia ser? Pensei tantas coisas A respeito, que não quero citá-las aqui. Quero respeitar nossa intimidade e nosso desejo de continuar o caminho da forma que escolhemos. Não espero que ninguém compreenda porque simplesmente ninguém viveu nosso tempo e nosso entorno da forma direta que o fizemos, VÍRGULA nós dois.

Às 6:30 horas levantei para meu exercício matinal, várias horas depois de permanecer acordado. Nesse dia, VÍRGULA não consegui fazer nenhum treino.

VII

POR UM MUNDO MELHOR



Acordei cedo esta manhã **SEM VÍRGULA E** após um banho frugal – recomendado por causa do equipamento de Holter instalado em meu peito **SEM HÍFEN, DIRIGI-ME** à clínica para que fosse retirado.

Enquanto aguardava na sala de espera, junto com outras dez a doze pessoas, incluindo uma criança, tive a seguinte visão a qual marcou fundo o resto do meu dia e me fez pensar bastante sobre o assunto.

Sonhos meus

Passados uns trinta minutos após a minha chegada **SEM VÍRGULA E** faltando ainda outro tanto para ser atendido, percebi no rosto das pessoas uma desesperança resignada por causa desta espera; a criança choramingava de cansaço e reclamava do frio ambiente; a enfermeira, só uma, não dava conta do recado **SEM VÍRGULA E** a secretária continuava entretida no atendimento telefônico.

Senti vontade de levantar e oferecer uma bala à criança que chorava, mas não tinha comigo. Ainda de olhos bem abertos, comecei a imaginar a situação e me vi levantando-me do assento e, com um pacote de balas nas mãos, **VÍRGULA** ir oferecendo às pessoas que olhavam desconfiadas.

Primeiro foi **À** criança que estava sentada no colo da avó, a qual olhou para ela como perguntando implicitamente se deveria aceitá-la; por sorte ela concordou e me regalou um sorriso de agradecimento. Os outros, vendo a situação, também sorriram.

Imediatamente ofereci as guloseimas a todos, sem exceção, incluindo a enfermeira e a secretária. Imediatamente tudo mudou; estavam todos sorrindo agradecidos pela idéia e sem tanto estresse como antes de ocorrer o fato.

Todos me olhavam como esperando uma explicação **SEM VÍRGULA E** entre pensamentos e devaneios, falei o que segue.

“Amigos; devo a idéia de distribuir os doces entre vocês a esta criança, que com sua atitude de absoluta espontaneidade e verdadeira presença de espírito, mostrou realmente o que sentia, ao contrário de nós adultos, que escondemos nossos sentimentos e emoções por trás do véu das aparências”.

Sonhos meus

“Enquanto distribuía os doces, **VÍRGULA** fiz um cálculo mental de quantas pessoas poderiam sentir-se melhor e mais felizes com uma atitude semelhante a esta, se todos **fizessem** o mesmo em todas as circunstâncias que a vida nos oferece. Se cada um de nós **repetisse** este exemplo para um grupo de outras dez ou doze pessoas **SEM VÍRGULA E** cada uma delas o **fizer (ESTE VERBO TEM QUE ESTAR DE ACORDO COM OS DOIS ANTERIORES: FIZESSE)** sucessivamente com outras tantas, em menos de um ano quase todos os seres humanos teriam recebido uma bala e devolvido um sorriso em contrapartida. O custo disso tudo? Alguns centavos... e um pouco de boa vontade”.

Quando a enfermeira chamou pelo meu nome, saí do torpor e abri os olhos. Tinham se passado alguns minutos, **SEM OS** suficientes para fixar meu ‘sonho’. Olhei para todos os presentes com um sorriso no meu rosto, como que sendo cúmplice deste devaneio; incrivelmente, todos estavam sorrindo **SEM VÍRGULA E** a criança, brincando com seu vestido branco, não mais chorava.

Agora no escritório, ao escrever estas linhas, imagino se esta fantasia foi criada por minha mente ou se foi ‘encomendada’ por alguém; mais isso não importa. Em poucos minutos sairei daqui para comprar na venda da esquina **SEM VÍRGULA** um pacote de balas para manter sempre comigo **SEM VÍRGULA E** onde quer que eu esteja as distribuirei entre os presentes, **VÍRGULA** passando o recado e exortando-os a imitarem esta idéia.

Nosso mundo precisa de mais doces e de mais sorrisos!

Sonhos meus

VIII

STONEHENGE

Sonhos meus



Era uma tarde onde (ONDE IMPLICA LUGAR. SUGERIMOS USAR NA QUAL) o crepúsculo deixava o céu avermelhado e as sombras da noite se insinuavam entre as poucas nuvens. Um círculo concêntrico de pedras empilhadas, algumas com mais de cinco metros de altura e de tamanho monumental, VÍRGULA DESTACAVA-SE (O CÍRCULO) em preto sobre o fundo avermelhado do céu. Ao centro do círculo, uma mesada

Sonhos meus

também de rocha, cravejada de pedras preciosas em toda sua superfície, ostentava uma caixa de marfim entalhada de tamanho médio. Parecia À simples vista um altar ou uma mesa de sacrifícios. A sensação de religiosidade do lugar e a presença marcante de seres etéreos nesse templo convidavam à oração.

Caminhando dentro do círculo ao longo da mesa, indo em direção À caixa de marfim, o Mestre e eu, vestindo túnicas brancas compridas SEM VÍRGULA E em silêncio respeitoso, APROXIMAMO-NOS do cofre branco com intenção de abri-lo. O Mestre disse-ME para desmontar o monumento central à frente do altar, retirando o dólmen e logo os menires, o que fiz sem tardança. Como realizei o feito não sei, já que as pedras pesavam várias toneladas e consegui desmontá-lo sem esforço aparente.

Chegando perto da caixa, VÍRGULA ele me fez sinal para abri-la; a caixa continha duas divisões e possuía na primeira uma espécie de chaveta e arruela de ouro, consistindo em um arame achatado e dobrado ao meio formando uma argola, com as pontas juntas. A arruela servia para colocar as pontas do arame e servir de limite à argola. Vendo-a montada, pela face lateral, se assemelhava a uma cruz ansata, só que a argola era um pouco menor e as hastes inferiores estavam separadas. No outro compartimento, separado por um tabique também de marfim, havia um escaravelho vivo, grande, de um preto brilhante e ASAS transparentes, o qual mexia a boca como se estivesse a comer alguma coisa.

O Mestre pediu para que montasse a chaveta e a arruela de ouro e espetasse o interior da boca do escaravelho até o aparecimento de uma gota de sangue. Feito isso, VÍRGULA deveria derramar a gota sobre o altar, o que fiz imediatamente.

Sonhos meus

Uma nuvem esbranquiçada e em movimentos de rodadozinho começou a formar-se por cima da gota e a crescer e espalhar-se por toda a mesada (ESTA FRASE ESTÁ DIVIDIDA POR TRÊS E. SUGERIMOS CONSTRUIR A ÚLTIMA PARTE ASSIM: GOTA, CRESCENDO E ESPALHANDO-SE POR TODA A MESADA). Logo depois foi se dissipando e apareceram no meio, VÍRGULA três figuras parecendo humanas, mas muito grandes, como de três metros de altura: um homem, uma mulher e um jovem. Não consegui distinguir suas feições por mais que me ESFORÇASSE. Logo em seguida, VÍRGULA acordei.

COLÉGIO PRIMÁRIO



Sonhos meus

Era uma tarde de verão, no fim de fevereiro, quando decidi recorrer ao seminário de minha cidade natal para

pedir colaboração na empreitada que estava levando adiante. Sabia que havia pelo menos quatro padres e dez seminaristas esperando pela minha proposta, mesmo sem eles saberem disto.

Chamei minha companheira para irmos juntos **SEM VÍRGULA E** de **PASSAGEM, VÍRGULA** mostrar-lhe a arquitetura do prédio onde **CURSEI** meus estudos primários; não havia mudado tanto desde minha saída, em 1962.

Entramos pela porta principal e, **VÍRGULA** logo à esquerda, no hall de entrada, estava a diretoria, hoje funcionando mais como secretaria para receber visitas, já que a escola tinha entrada por outra porta lateral e estava separada do resto do seminário.

ATENDEU-NOS um jovem seminarista, beirando os 20 anos, vestindo uma batina preta desabotoada no colarinho, o que indicava, **VÍRGULA** além do calor, que não havia tomado os votos sagrados. Solícito, perguntou o motivo de nossa visita **SEM VÍRGULA E** quando transmitimos o que nos levava ao seminário abriu a boca, pasmo, como que não entendendo a nossa proposta.

CONVIDOU-NOS a passear pelo jardim enquanto falava com o Superior da **Ordem (TRATAVA-SE** da Ordem de Dom Bosco) e pediu para que não entrássemos nas dependências reservadas, mesmo sabendo que eu era um ex-aluno e conhecia as instalações de cor. Ao sair ao pátio interno, **VÍRGULA** passamos pelo saguão onde duas escadas laterais levavam ao piso superior, às salas de aula e de reuniões **SEM VÍRGULA E** que agora serviam de aposentos aos seminaristas. No corredor superior, em frente aos quartos, dois banheiros de cada lado das escadas serviam aos seis quartos e à sala de reuniões.

Sonhos meus

NÃO subimos porque o seminarista foi claro no tocante a não bisbilhotar por aí. Continuamos até o pátio, **CHEGANDO** ao corredor que separava o edifício do jardim, em toda sua volta. Em frente, uma gruta com a imagem de Maria Auxiliadora, inaugurada em 1959, feita pelo avô de um amigo, **VÍRGULA** deixava cair pelas beiradas jatos pequenos de água que se juntavam em um laguinho ao pé da **Virgem**. Ao fundo, um campo de futebol com o mato crescido por falta de uso, completava o quadro.

Pelo lado direito, seguindo pela varanda interna, chegava-se ao salão que antes servia de dormitório para os internos, quase **cinQUenta** na época, cujas camas arrumadas lado a lado, com seu armário metálico em cima, abrigava os alunos de outras cidades.

Antes de chegar ao salão dormitório, outro salão que servia de refeitório, com mesas e bancos compridos, com sua janela comunicante para a cozinha **SEM VÍRGULA E** o púlpito onde ficava o sacerdote que cuidava da ordem e, eventualmente, os internos liam alternadamente, trechos de algum livro espiritualista. Ao lado, uma sala menor, medindo aproximadamente vinte metros quadrados, abrigava toda sorte de brinquedos para os recreios e o horário de lazer depois do almoço e à tarde.

À direita da gruta, quase em frente, num quarto pequeno **aCessível** por uma pequena escada de madeira, situava-se o hostiário, lugar onde se fabricavam as hóstias, que por sinal durante vários anos ficou aos meus cuidados. Além do quarto, uma entrada lateral dava acesso ao salão de teatro e, posteriormente, ao cinema da cidade, onde os alunos realizavam regularmente gincanas de ciência, história, geografia e religião.

Sonhos meus

Logo a seguir, situava-se a entrada lateral da igreja, que acessava o fundo da mesma pela parte inferior **SEM VÍRGULA E** o coral e o campanário, **VÍRGULA** subindo as escadas de pedra. No coral, um órgão velho encostado na parede do fundo lembrava os anos de cantoria de salmos e músicas sacras; um mais novo, um pouco **GASTO** pelo dedilhar do músico de ocasião, estava postado no centro da sala.

Tudo isto falei para minha companheira, certo de que não me enganava em nada na descrição do local. Não entramos em nenhum dos **LUGARES** citados, mas tudo foi confirmado depois por um seminarista, na hora da conversação.

Imbuídos **Destes** pensamentos, **VÍRGULA** quase **SEM QUE** não ouvimos o apelo do primeiro interlocutor que encontramos e que fora **SEM A** chamar o **S** Superior. Disse que haviam marcado uma reunião com todos na sala de reuniões que ficava no piso superior e nos convidava a entrar. Dentro do recinto, uma mesa central com quatro sacerdotes e duas laterais com cinco seminaristas em cada uma esperavam nossa chegada. Duas cadeiras situadas em frente ao palco para acomodar-nos e uma terceira, mais atrás, abrigaria o seminarista que nos chamou, confirmando a hipótese de que seriam dez alunos, embora na realidade contássemos onze.

Sentamo-nos e logo um dos sacerdotes do grupo central perguntou o motivo da visita. Disse que alguma coisa havia sido adiantada a ele, mas que gostaria de ouvir de nossas bocas toda a histÓria. Disse ainda que havia convocado uma reunião com todos porque achava muito pertinente o assunto e queria que todos participassem. Depois de exposto tudo, **VÍRGULA** diriam o que poderiam fazer.

Sonhos meus

Comecei contando que tínhamos um ônibus itinerante que realizava ações sociais em bairros periféricos da cidade, levando um pouco de conforto para a saúde da população, notadamente nas áreas **da DE (SE GENERALIZARMOS, COLOCAREMOS NAS ÁREAS DE. SE PUSERMOS ARTIGO D+A NA PALAVRA MEDICINA, AS OUTRAS TAMBÉM DEVEM TER O ARTIGO:D+A)** medicina, **(DA)** odontologia e **(DAS)** análises clínicas. O voluntariado que atendia este projeto estava havia muito tempo engajado no projeto e às vezes, por força do pouco tempo disponível, **FALTAVA (O VOLUNTARIADO)** ao compromisso. Pensamos então em uma alternativa mais prática que seria a de disponibilizar como voluntários **OS** seminaristas dessa **Ordem** para ajudar nos misteres desse projeto.

Sentíamos onze pares de olhos atônitos olhando fixamente para **NÓS**. Um silêncio se fez, quebrado logo depois por um badalo do sino da igreja, tocado por um ajudante de limpeza que fazia **ÀS** vezes de coroinha, faxineiro, tocador de sino, mensageiro e qualquer outra atividade necessária na igreja. Um suspiro do **Superior**, homem alto e de cabelos brancos, aparentando uns sessenta anos, **TIROU-NOS** do marasmo. Disse imediatamente que não era costume que os seminários **ASSUMISSEM** qualquer tarefa externa ao claustro e que nosso pedido era um tanto estranho, **VÍRGULA** já que não havia entre eles nem médicos, nem dentistas, nem analistas que pudessem realizar a tarefa.

Quando tive a oportunidade de falar, **COMUNIQUEI-LHES** que na Idade Média, como eles melhor do que eu **SEM VÍRGULA O** sabiam, os sacerdotes eram um pouco de tudo **SEM VÍRGULA E** que por força do hábito se transformavam em

Sonhos meus

profissionais das mais diversas áreas. Se não soubessem a teoria do trabalho, poderiam aprendê-la rapidamente **SEM VÍRGULA** na prática **SEM VÍRGULA E, VÍRGULA** ao mesmo tempo, **VÍRGULA** realizariam uma Obra Divina.

Quem poderia entender a reação deles ante minhas palavras? Um dos sacerdotes argumentou que antes de falar em Obra Divina deveria eu fazer um curso de Teologia para aprender que a mesma está acima dos trabalhos mundanos **SEM VÍRGULA E** que ninguém “ganha o céu” pela sua obra material, mas sim pela espiritual.

Atônito com tais afirmações, dirigi meu olhar ao Superior o qual assentiu com uma inclinação de cabeça. Nesse momento entendi que estava frente a um clã muito firme em suas convicções e que seria mais difícil **SEM DE** convencê-los a participar do que a pessoas comuns da cidade.

DESPEDI-ME polidamente, **VÍRGULA** agradecendo **DE** viva voz a oportunidade de mostrar nosso trabalho e prometendo que manteria discrição **TIRAR UM ESPAÇO** sobre esta conversa. Todos agradeceram com alegria e me convidaram a participar da missa de domingo, já que nas cidades pequenas este tipo de acontecimento ocorre só **NOS** fins de semana. Prometi pensar no assunto, sabendo de antemão que nunca iria.

Quando saímos do Colégio, **VÍRGULA** senti a sensação de haver atravessado a porta do inferno e que deixava para trás um pesadelo, pela negativa de participar em qualquer obra social. Lá fora, entretido entre as pessoas comuns, vi claramente **SEM A** Jesus vindo desde a cova dos leprosos para dizer umas parábolas sobre um montículo de terra no meio do gentio. Ele olhou para **NÓS** com muita pena no seu

Sonhos meus

olhar **SEM VÍRGULA E NÓS** também sentimos muita pena dele.

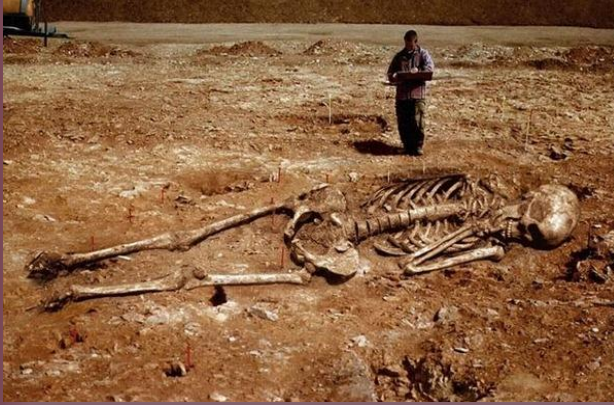
O forte cheiro de café recém feito me despertou. Fiquei o resto do dia pensando e tentando exprimir este sonho maluco, pois no fundo sabia que não era essa a realidade. Ou era?...

Nunca soube a resposta!

X

OS QUATRO ANÕES

Sonhos meus



Trabalhava eu numa empresa química, na zona portuária de uma grande cidade. Fazia meu trabalho dentro de um navio de proporções enormes comparado com outros que estavam ancorados no porto. Muitos trabalhadores iam e vinham pelos corredores até uma grande sala onde empilhavam vários tipos de materiais, voltando para procurar outros. A empresa não parava...

Meu trabalho consistia em verificar que tudo ocorresse conforme determinado pelo supervisor, **O QUAL** despachava diretamente com o dono da empresa.

Sonhos meus

Nunca havia descido aos porões do navio, onde se encontrava a fábrica propriamente dita, quer dizer, a produção; mas nesse dia, não sei por qual motivo decidi descer.

Após **DESCER** por três escadas, cada uma delas acedendo a seu respectivo andar, cheguei à produção. Bastante gente estava dedicada aos vários afazeres da planta (**EM PORTUGUÊS SERIA INDÚSTRIA, FÁBRICA**), principalmente grandes destiladores cujas colunas de pratos teóricos subiam até o andar superior, descendo quase que verticalmente até o chão onde o produto era recebido em tanques de aço inox. O final da produção era um pó branco, **VÍRGULA** o qual era acondicionado em grossos sacos plásticos e colocados em caixas de papelão resistentes com o rótulo de “SAL DE MESA REFINADO”. Claro que imediatamente desconfiei desta situação e tentei conversar com alguns funcionários, os quais não souberam me explicar o fato.

Suspeitando tratar-se de drogas, **DIRIGI-ME** ao supervisor e comentei minhas suspeitas; ele me olhou com estupor, como acontece com uma criança descoberta em alguma travessura e me perguntou se, após todo este tempo, não sabia de que se tratava a produção no navio. Ante minha negativa, **VÍRGULA** ele me disse que realmente era droga, de um tipo muito purificado (**TIPO**), que valia uma fortuna no mercado consumidor. Quando viu minha cara de espanto, **VÍRGULA DISSE-ME** que se não fossem eles, alguém o faria da mesma forma **SEM VÍRGULA E** que ficasse tranqüilo **POIS (EVITANDO A NOVA REPETIÇÃO DE UM QUE)** o controle de qualidade do produto final era cuidadosamente verificado e não oferecia risco algum para o consumidor...

Sonhos meus

Claro que o choque foi tão brutal que tive que me segurar para não cair. Eu estava trabalhando para quem fornecia drogas ao mundo! Imediatamente disse ao supervisor que não concordava com isso e que me demitia imediatamente. Ele tentou segurar-me, mas foi em vão. Sem esperar meu pagamento, que agora me parecia dinheiro sujo, subi os lances de escada que me levaram à superfície e pulei ao cais, **VÍRGULA DIRIGINDO-ME** ao prédio próximo, onde se encontravam os escritórios e o despacho da mercadoria. Transpondo a última porta sairia definitivamente do complexo portuário e estaria fora de toda esta terrível situação.

Ao passar pelo corredor que dava ao lobby antes da saída, encontrei-me perto do elevador **SEM VÍRGULA** com quatro sujeitos que me chamaram a atenção pelo seu porte. Certamente mediam bem mais que 2,5 metros de altura com seus corpos proporcionais, ou seja fortes, de largas espáduas e umas cabeças enormes, salvo um deles que era muito magro e com o rosto fino parecendo mais uma caveira do que gente viva. Os quatro estavam vestindo ternos escuros e gravatas, cada um com um chapéu na cabeça, mesmo estando dentro do prédio. Um deles, o que parecia o mais forte de todos, olhou para mim fixamente e disse aos outros que eu estava a olhá-los tão fixamente que os poderia reconhecer facilmente em qualquer lugar, **O** que representava um perigo para a missão deles.

Percebi num instante que eles vinham para destruir o navio que fabricava drogas e temi pela vida das pessoas de dentro, principalmente a do meu antigo supervisor **A QUEM** considerava um amigo, apesar da situação. Eu partilhava com eles a idéia de destruir o refino de drogas, mas sem vítimas fatais. Corri pelo corredor saindo ao cais, **VÍRGULA** enquanto os sujeitos

Sonhos meus

subiam ao elevador, agachados, já que não cabiam em pé devido à sua altura, provavelmente indo atrás do dono do negócio que se encontrava em andares superiores.

Quando cheguei ao navio e perguntei pelo meu amigo supervisor, **DISSERAM-ME** que estava a despachar com o chefe. Sem tomar fôlego corri novamente em direção ao prédio e subi as escadas até o terceiro andar, onde estava a oficina (**EM PORTUGUÊS, OFICINA É O LUGAR ONDE SE REALIZAM OFÍCIOS. AQUI, A TRADUÇÃO SERIA O ESCRITÓRIO**) do proprietário do navio, esperando e torcendo para que os quatro gigantes estivessem procurando em outras partes do prédio. Cheguei quase ao mesmo tempo que eles. O maior dos quatro, que havia querido me matar, **OLHOU-ME** fixamente e bradou a seus amigos o mesmo que havia dito antes, acrescentando que se o tivessem escutado eu já estaria morto e eles poderiam realizar seu trabalho com tranquilidade.

Começaram a correr atrás de mim enquanto eu pensava que com toda essa confusão no edifício, **VÍRGULA** a atenção dos que ali estavam deveria levantar a suspeita de um caso sério e tentariam abandonar seus locais de trabalho. Por sorte, **VÍRGULA** a coisa aconteceu exatamente **DESSA** maneira e em pouco tempo os corredores de todos os andares estavam lotados de gente. O alarme de perigo havia sido acionado e a confusão era cada vez maior.

ENQUANTO isso, eu corria em direção à escada, **VÍRGULA** tentando descer rapidamente. Nem imaginei que os gigantes, pelo seu tamanho, correriam mais rápido que eu e poderiam descer a escada em quatro passos! A minha sorte foi que a quantidade de pessoas que corria era tão grande que, mesmo dificultando minha fuga, atrapalhava o andar dos

Sonhos meus

brutamontes, de forma que eu conseguia andar mais rápido do que eles.

Cheguei ao piso térreo e decididamente me escondi num canto, **VÍRGULA** pensando que os quatro achariam que fugi em direção à rua e que ali seria mais fácil me pegarem. Creio que a inteligência destes gigantes era inversamente proporcional a seu tamanho e fizeram exatamente o que eu havia imaginado. Assim que saíram, **VÍRGULA** voltei minha atenção para os que estavam descendo desordenadamente as escadas, tentando visualizar o dono e o superintendente do navio. Após uns quinze minutos que pareceram uma eternidade, **VÍRGULA** ninguém mais descia e os dois não haviam aparecido. Decidi subir novamente até o terceiro andar para encontrá-los.

Cheguei ofegante após os três lances de escada e ao abrir a porta os vi sentados em duas poltronas com o rosto demudado como sabendo o que estava por acontecer. Disse a eles que deveriam fugir imediatamente porque havia quatro gigantes atrás deles, que iriam matá-los e destruir todo o complexo de refino de drogas. O dono olhou sem olhar, como perdido em pensamentos longínquos e disse que não importava, que sua missão havia sido cumprida e que o resultado desta situação era esperado. Disse ainda que achava que havia demorado demais e que já estava cansado de esperar. Meu amigo supervisor assentiu com a cabeça e me disse que ele estava junto, para o que der e vier.

Sem esperanças sai pela mesma porta e me dirigi ao elevador, que já estava subindo. Estava tão atordoado que nem pensei em nada. Quando a porta se abriu os quatro gigantes estavam dentro. Olharam para mim com cara de ódio e saíram para me pegar. Não corri mais, o destino estava selado! Acordei com um gosto amargo na

Sonhos meus

boca e nunca soube se eles conseguiram me pegar e acabar com tudo. Quem sabe em outro sonho?

Sonhos meus

XI

O SER LUMINOSO



Sonhos meus

Sonhos meus

A realidade e a fantasia se misturam quando o sono é leve, quase-sem-sono, como se estivesse acordado num torpor e as imagens surgem como num filme: sabemos que estamos “dormindo”, **VÍRGULA** mas sentimos que estamos acordados. **AÍ** o sonho se transforma em revelação!

NEesse dia, de alguma forma, **VÍRGULA** estava sentado no alto de uma montanha sobre uma pedra grande, olhando para o vale. Não era muito alta, a vegetação consistia em uma grama rala e curta **SEM VÍRGULA E** a visibilidade era boa **a tal ponto de poder (A PONTO DE PODER OU A TAL PONTO QUE PODIA)** distinguir o rosto das pessoas. Havia muita correria de gente que não conhecia, **VÍRGULA** embora me esforçasse para descobrir algum conhecido que pudesse me explicar o que estava acontecendo.

Vi muita destruição em volta, como se tivessem explodido uma grande bomba. A terra estava rachada e muitas pessoas caídas dentro das rachaduras, muitos corriam sem rumo, automóveis virados, casas destruídas, árvores caídas, uma grande gritaria e desespero no rosto das pessoas. Tudo isto se estendia ate onde minha vista alcançava **SEM VÍRGULA** e imaginei que fosse um fenômeno no mundo todo.

Apesar deste caos e de minha angústia pela visão terrível que se desenvolvia **Abaixo** da montanha, no alto, o silêncio e a tranquilidade ~~era tal~~ **ERAM TAIS** que dava para escutar a brisa suave passando pelo meu entorno. As poucas nuvens deixavam passar raios de sol, que iluminavam somente **A** montanha; abaixo estava escuro, turvo, sem a vida aparente que o sol proporciona.

Estava com o olhar fixo no vale quando senti um arrepio, como quando sentimos a presença de um ente não físico, que parece querer comunicar-se e não

consegue. Ao virar o rosto, olhando um pouco para cima do nível da montanha, vi um ser em pé, mas como os raios de sol vinham da direção de sua cabeça, não distingui seu rosto. Era alto, **COM TALVEZ** de 1,85 m e vestia uma túnica branca até os pés.

Sentia que olhava para mim, **VÍRGULA** embora não pudesse ver seu rosto; não sabia se era homem ou mulher **SEM VÍRGULA E** nada falou, **VÍRGULA** apesar de parecer querer se comunicar comigo. Deu uns passos para o lado, **VÍRGULA** saindo da direção do sol **SEM VÍRGULA E** vi que os raios luminosos o acompanhavam; era como se o sol estivesse grudado atrás de sua cabeça!

Percebi então que gotas de lágrimas caíam de seus olhos, apesar de não vê-los. Não percebi o que estava acontecendo, **VÍRGULA** pois fiquei como que hipnotizado pela sua presença e não conseguia tirar meus olhos dos seus. Como se um grande **Í** mãe estivesse atraindo nossos olhares.

De repente, **VÍRGULA** a força de atração dos olhares cessou e pude olhar para o chão; onde antes havia uma rala grama escurecida pelo tempo, apareciam flores multicoloridas de diversas formas e tamanhos. A cada lágrima que caía se formava uma flor, deixando um aspecto celestial no topo da montanha. As lágrimas pareciam gotas de prata derretida, brilhantes e luminosas.

PARECEU-ME escutar uma voz, mas percebi que saía de dentro de minha cabeça, **VÍRGULA** já que o som físico continuava sendo o da brisa; nada mais se escutava apesar de “saber” que estava recebendo uma mensagem. Ante meu atônito olhar, inquisitivo, como que perguntando mentalmente o que estava acontecendo no vale, ele me disse, sem palavras, que era o fruto do que

Sonhos meus

o homem havia plantado; era muito doloroso ver aquilo, mas que era necessário para a purificação do homem. Ele sentia como um pai vendo seus filhos brigar **EM** e se machucarem e que nada podia fazer para impedi-los.

Disse ainda que tinha “poder” para deter a confusão no vale, **VÍRGULA** mas que não era propício intervir nesta questão. Não me pareceu soberba de sua parte “dizer” aquilo, mais ainda por ver as lágrimas **CONTINUAREM A CAIR** de seus olhos, **VÍRGULA** **continuarem (SUGERIMOS REMOVER ESTE VERBO PARA NÃO REPETI-LO)** formando formosas flores.

Disse que acompanhava a evolução do homem desde sempre e que aguardava o momento de manifestar-se e agir conforme deveria ser, mas que ainda não era chegado o momento, que dependia de certos fatores, os quais não comentou.

Tentei averiguar seu nome, da mesma forma que recebia as informações, pensando nelas, mas nada me disse. Só aclarou que no ano ~~de~~ 2010 apareceria de forma definitiva e que seria reconhecido por muitas pessoas e não por outras muitas, mas que isso era assim mesmo e que sempre seria assim. Disse que não era relevante que acreditassem nele, **VÍRGULA** pois sua missão não dependia disso. Pediu duas vezes seguidas que não divulgasse a ninguém o que estava acontecendo até o ano de sua **S** aparição neste mundo. Em 2010 se faria conhecido para o mundo e todos poderiam compartilhar a experiência que viria.

Claro que o arrepio do meu corpo aumentou, pois não sabia quem era, nem suas intenções **SEM VÍRGULA E** apesar da bondade que exalava sua presença, ao parecer uma coisa mágica, dava a impressão de um surrealismo fantástico **ao misturar-se (PARA NÃO REPETIR-SE A FORMA ANTERIOR AO PARECER, AO**

Sonhos meus

MISTURAR-SE DENTRO DA MESMA FRASE, SUGERIMOS COLOCAR: SURREALISMO FANTÁSTICO, MISTURANDO-SE) com a confusão reinante no vale.

Estava muito próxima a hora da mudança e novos paradigmas seriam revelados e adotados como forma de vida. Os homens teriam que participar DESTAS MUDANÇAS e quem não aderisse não teria chances de permanecer. Disse que o que estava acontecendo no vale era um pálido reflexo do que viria depois. Haveria muita destruição, mas dias de muita luz e paz inundariam A humanidade. A transição seria longa, porém segura SEM VÍRGULA E muitos homens seriam chamados para participar ativamente desta mudança.

Por mais que me esforçasse não consegui “ver” o ser luminoso que estava à minha frente SEM VÍRGULA E ele percebendo meu interesse me disse que chegaria a hora de encontrar-nos frente a frente e que eu o reconheceria. Deveria esperar a data combinada e que poderia ser um aliado, junto com outros, na reconstrução.

Simplesmente desapareceu da mesma forma como havia aparecido. Só ficaram as flores da lembrança de sua presença; o cheiro (SUGERIMOS USAR AROMA OU PERFUME. CHEIRO NÃO É INCORRETO. MAS PELA SUBLIMIDADE DA SITUAÇÃO, A PALAVRA CHEIRO AQUI NÃO FICARIA SUFICIENTEMENTE DELICADA) que a brisa espalhava era magnífico!

Voltei então minha atenção para o vale e vi muitos seres olhando sem compreender, VÍRGULA mas percebi uma esperança ACESA no coração deles. Outros continuavam a correr, a lutar, a pilhar, ENFIM, como se nada tivesse acontecido; então lembrei O que o ser me disse em relação aos homens: alguns perceberiam e outros não.

Sonhos meus

Entendi que o holocausto e a dor eram o caminho marcado para a evolução do homem, e que dependia de seu arrependimento e de sua conscientização a mudança proclamada **pelo ser (SE SE REFERE AO SER MARAVILHOSO QUE APARECEU ANTES, SUGERIMOS DIZER, POR EXEMPLO, POR AQUELE SER)**; provavelmente teríamos que sofrer para crescer.

Creio que “despertei” nesse momento, pois percebi que lágrimas corriam pelas minhas faces enquanto fixava o “sonho” em minha memória. Arrisco a dizer que continuava no meu quarto o cheiro de flores e a sensação **DA** presença de algo diferente **DE NÓS**.

Então orei, orei muito pedindo que acontecesse tudo dessa forma e que não **tenha (ESTE VERBO TERIA QUE ESTAR DE ACORDO COM O ANTERIOR, ACONTECESSE. TERIA QUE SER TIVESSE)** sido tudo fruto de minha imaginação. Foi tão vívido que parecia que realmente eu estava lá; depois que me levantei, parecia estar flutuando e as coisas haviam mudado de forma e de dimensão. O momento era diferente **SEM VÍRGULA E** aguardar 5 anos não parecia muito tempo...

Sonhos meus

XII

LEMBRANÇAS

Sonhos meus



Era meio dia e o sol **CAÍA** a pique sobre a terra. O asfalto parecia borbulhar; um ténue vapor se insinuava sobre ele,**VÍRGULA** levantando-se discreto a poucos centímetros do chão.

À minha frente,**VÍRGULA** um indivíduo seguia rumo a uma casa de esquina a qual possuía uma porta de folhas duplas,**VÍRGULA** evidenciando no seu interior um conjunto de instrumentos musicais e alguns clientes olhando e tocando aqui e acolá como quem está

Sonhos meus

verificando sua qualidade sonora. O cara à minha frente se virou e reconheci que não me era estranho. Procurei na minha mente, **VÍRGULA** tentando descobrir quem era, mas como não sou bom em lembrar-me de rostos, por mais que me esforçasse não consegui.

Quando me cumprimentou efusivamente não tive dúvidas **DE** que o conhecia e tentei disfarçar o fato de não lembrar-me de seu nome. Ele percebeu no mesmo instante **SEM VÍRGULA E** vendo meu desapontamento me disse para não me preocupar já que a última vez que nos vimos havia sido em outro lugar, 30 anos atrás. Ele, disse, havia mudado muito desde então **SEM VÍRGULA E** eu, nada, por isso me reconheceu na hora. Pensei para meu interior que o cara devia ser político pela lisura de suas palavras. Como que adivinhando meu pensamento ele sorriu e me disse que não pensasse que era político pelo que acabara de falar, mas que estava estampado no meu rosto que estava pensando isso!

Entramos na loja e ele cumprimentou outro sujeito que estava atrás do balcão e que parecia o dono e me apresentou como um amigo muito antigo e a ele, como seu sócio (**ESTA FRASE TEM VÁRIOS Es, O QUE DIFICULTA A LEITURA. SUGERIMOS A SEGUINTE PONTUAÇÃO: ENTRAMOS NA LOJA E ELE CUMPRIMENTOU OUTRO SUJEITO QUE ESTAVA ATRÁS DO BALCÃO, O QUAL PARECIA O DONO. APRESENTOU-ME A ELE COMO UM AMIGO MUITO ANTIGO E APRESENTOU-O A MIM COMO SEU SÓCIO**). Conversaram durante algum tempo enquanto eu olhava os instrumentos e apreciava a música de alguns clientes experimentando flautas, violões e teclados. A conversa entre os sócios me pareceu bem acalorada e que ia subindo de tom. Meu amigo balançava a cabeça de um lado para o outro e dizia que

Sonhos meus

havia sido loucura comprar um imóvel na situação que a empresa se encontrava. O outro afirmava que seria um aperto financeiro temporário, mas que poderiam transferir a loja para esse outro imóvel, maior e de melhor localização.

Não sei bem quanto durou a conversa, mas me pareceu que era o momento oportuno para sair e continuar meu caminho. Cumprimentei os dois e disse que tinha um compromisso e que estava atrasado. Antes de **TENTAR** sair, **VÍRGULA** perguntei ao meu "amigo" seu nome, já que realmente não lembrava, desculpando-me por isto. Ele me disse que era o "magro", que havíamos partilhado muitas festas juntos e até frequentamos a mesma faculdade por alguns meses antes que ele a abandonasse. Disse ainda que eu o chamava carinhosamente de "espaguete" pelo seu porte alto e fino. **AÍ** me lembrei bem dele. Claro, como não havia percebido antes? Mesmo mais robusto e com alguns cabelos brancos, **VÍRGULA** era o mesmo magro das festas estudantis, das andanças juvenis. Que tempos aqueles!

Ele pegou meu braço e me disse que não adiantava mentir para ele, que eu não tinha nenhum compromisso e que estava tentando me furtrar, pela discussão que teve com seu sócio. Esta discussão acontece todos os dias, **DISSE-ME**, faz parte de uma empresa. Agora mesmo vamos ver o imóvel que compramos e você vem conosco. Sem dar tempo **PARA** responder, **LEVOU-ME** até um carro estacionado na rua ao lado e, junto com seu sócio, partimos para ver a casa.

Andamos por uns 40 minutos entre ruas vagamente conhecidas, já que minha juventude havia transcorrido nesse lugar até me formar como profissional. Mesmo havendo passado muitos anos e as coisas tivessem

Sonhos meus

mudado um pouco, reconhecia os lugares e quando não, o magro me lembrava dos fatos.

Chegamos **AO** destino (**ESTA VÍRGULA VAI PARA TRÁS DO E**) e, quando descíamos do automóvel, **OUTRA VÍRGULA** reconheci o lugar. A rua era a mesma; as casas não haviam mudado nada; até a padaria da esquina estava do mesmo jeito que **HÁ** 30 anos atrás. **Qual foi** (**ESTA EXPRESSÃO SE USA ASSIM: QUAL NÃO FOI...**) minha surpresa ao verificar que a casa que meus amigos acabaram de comprar havia sido o lugar onde eu havia morado por quase 2 anos!

Estava muito velha e abandonada, mas era a mesma casa. Disse isso a eles e me olharam com incredulidade. Para que soubesse **M** que eu não estava mentindo, descrevi com detalhes seu interior, o salão de frente para a rua que servia de refeitório, o quarto pequeno com banheiro menor ainda, que eu alugava, os outros quartos onde outros colegas moravam de aluguel, a ampla cozinha e o pátio com um riacho no fundo. A surpresa no rosto deles pareceu aumentar **SEM VÍRGULA E** o magro disse que era uma grande coincidência o fato **DE** que no mesmo dia nos **HAVERMOS** reencontrado e que de quebra **HOUVESSEM** comprado a casa onde eu morei na minha juventude. Concordei com ele...

Entramos na casa pela porta da frente e penetramos no salão. Havia mesas e cadeiras, as mesmas daquela época, cobertas de pó e com teias de aranhas nos espaços próximos. O **BALCÃO** onde se colocava o café e as comidas estava **DESBOTADO** e embolorado pelo tempo. O lustre que existia no meio da sala havia sido trocado por um bocal com uma lâmpada fluorescente que estava apagada porque a energia elétrica havia sido cortada, **VÍRGULA** quem sabe quando.

Sonhos meus

Seguimos pela porta que dava a um corredor e, à direita, rumamos para o quarto que eu ocupara. Antes de abrir a porta, **VÍRGULA** lembrei-**ME DE** que quando abandonei a pensão deixei para trás alguns pertences. Seria muita casualidade mesmo encontrar alguma coisa depois de tantos anos, mas não resisti ao pensamento. Abri a porta como quem estivesse voltando no tempo para uma situação irreal. Lembrei-me da cama encostada na parede, o pequeno armário no qual colocava a pouca roupa que possuía na época, os esconderijos nos quais guardava algumas coisas de valor, a mesinha e a cadeira no canto esquerdo onde passava horas lendo e estudando, a porta do banheiro que mal fechava e com frestas que deixavam passar o vento frio de inverno quando tomava banho e que congelava meu corpo e minha alma, **ENFIM**, tudo igual.

Parecia que havia acabado de sair e voltava ao quarto como que para encontrar algo que havia esquecido. Tudo estava muito sujo e empoeirado, as paredes descascadas e mal pintadas, o teto embolorado pela umidade, a torneira do lavatório continuava pingando água, um pedaço do piso do chuveiro ainda estava quebrado no mesmo lugar... Quantas lembranças, quantas saudades!

Os dois amigos observavam sem dizer palavra. Estavam curtindo muito meu estado de espírito e a forma como encarava aquilo. Creio que algumas **LÁgrimas** correram pelo meu rosto e vi que eles também enxugavam seus olhos...

Entrei e me ajoelhei ao lado da cama, **VÍRGULA** tentando não encostar na sujeira; coloquei meu braço por baixo e procurei no primeiro lugar secreto em que guardava coisas. Não pensei em nada nem arrisquei adivinhar o que encontraria. Levantei uma tampa de

Sonhos meus

concreto que media uns 40 centímetros de cada lado e olhei dentro antes de enfiar a mão. Havia uma caixa de madeira, a mesma que eu usava para guardar documentos importantes, fotos, um relógio que havia ganhado de presente de meu pai **SEM VÍRGULA E** outras miudezas. Tirei a caixa com muita emoção e o coração batendo aceleradamente. Estava voltando no tempo e não sabia o que iria encontrar. O que havia deixado para trás não fazia parte do meu cotidiano e nem mais lembrava o que poderia haver. Quando abandonei a pensão, nem voltei para buscar as coisas que havia deixado. Eram épocas de muito perigo e minha vida corria **SÉRIO** risco de ser perdida por problemas políticos.

Coloquei a caixa sobre a cama e a abri lentamente, como quem quer saborear cada instante do que fosse revelar. Pensei em guardar segredo, mas já que meus amigos estavam atrás de mim olhando a caixa e nem eu mesmo sabia o que poderia encontrar, refleti que, como minha vida sempre havia sido clara e transparente, nada devia esconder.

O primeiro que encontrei foi um texto, em papel amarelado pelo tempo, escrito com caneta azul. A princípio não reconheci a letra, mas apenas comecei a ler me dei conta do que era. Em tempos de política estudantil, **VÍRGULA** as mensagens eram passadas de forma cifrada para que, no caso de **CAÍREM** em mãos indesejadas, não mostrasse **M** nada comprometedora. Era uma carta recebida de um amigo que apontava uma situação delicada para nós. Estava me alertando para tomar determinados cuidados. Para não comprometer o movimento não direi do que se tratava nem de que amigo estava me escrevendo.

Sonhos meus

Respirei fundo com nostalgia daquela época e continuei a tirar as coisas que estavam na caixa. Um elástico e um prendedor de cabelos que teriam sido de alguma amiga ou colega, da qual não lembrava mais. Ingressos usados de um teatro que apresentava uma peça de Shakespeare datada de outubro de 1975. Algumas moedas que agora não tinham mais valor. Quatro fotografias também amareladas e emboloradas pela umidade. Alguns botões de camisa e um isqueiro já sem gás que me lembrava da época em que fumava.

Fechei os olhos e por um instante voltei ao passado. Tentei identificar cada coisa, mas nada consegui com a maioria delas. As fotos e a mensagem falavam por si só. O resto não me trazia nenhuma lembrança.

Quando senti um braço passar pelo meu pescoço, imaginei ser de algum dos meus amigos que estavam atrás de mim. Quando me virei vi minha companheira deitada ao meu lado, **ABRAÇANDO-ME**. Era hora de levantar...

Permaneci alguns minutos deitado, **VÍRGULA** tentando encaixar as ideias e lembrei-me de tudo para posteriormente colocar no papel. Esfreguei os olhos e levantei de um salto.

XIII

O VELHO RESTAURANTE



Sonhos meus

Estava caminhando pelas ruas sinuosas de um povoado antigo. A ruela serpenteava por uma alameda verde e velha denotada pela quantidade de galhos duros e secos que saíam dentre as folhagens mais novas; o sol se insinuava por entre eles como que para iluminar o caminho escurecido pela abóbada fechada que formava a união das árvores, **VÍRGULA** a uns quatro metros de altura.

DEMORAVA-ME mais do que o normal naquele bucólico lugar, como querendo lembrar de coisas que já haviam passado e que ~~se me faziam presentes~~ (**EM PORTUGUÊS, ESSA EXPRESSÃO TERIA QUE SER CONSTRUÍDA ASSIM OU DE FORMA SIMILAR: QUE SE FAZIAM PRESENTES A MIM**) agora trazendo saudades, embora um pouco nebulosas pelo passar do tempo. É que quando olhamos para trás no período compreendido entre a lembrança e o fato, **VÍRGULA** tantas coisas se passaram e tantas experiências vividas se tornaram imprescindíveis que **PARECERIA** que as coisas mais simples aconteceram a outros seres e só nos lembramos por referências ouvidas de terceiros.

Não que me arrependa de não haver guardado vivo cada momento experimentado, nem caberia na minha discreta cabeça, que mal se lembra do ontem, mas que me deixa a sensação de haver traído a minha própria memória. **ENFIM**, se pudéssemos lembrar-**NOS** de tudo o que nos aconteceu seríamos sem dúvida, **SEM VÍRGULA** gênios!

Lá em frente, a ruela se dividia em forma de **IPSILON**; continuando à direita, **VÍRGULA CHEGAVA-SE** a um riacho estreito, mas de águas cristalinas, **APESAR** do

Sonhos meus

movimento causado por algumas grandes pedras que havia em seu leito e que formavam pequenos rodamosinhos. À esquerda, a alameda ia raleando e se abria num espaço amplo onde aparecia um velho restaurante.

Caminhei até ele, **VÍRGULA** lembrando rapidamente do motivo de minha peregrinação a esse lugar. Uma encomenda de meu amigo H. que ainda estaria trabalhando em algum de seus loucos projetos de engenharia, **ESTA VÍRGULA VAI PARA TRÁS DO QUE** que, **VÍRGULA** como tantos outros, acabaria rabiscado num caderno de anotações, **VÍRGULA** esperando o momento oportuno para tornar-se realidade.

A sala de entrada era bem antiga e seus móveis mal cuidados, porém limpos, **REMETIAM-NOS** ao tempo de nossos antepassados. Detrás do balcão de madeira escura, **VÍRGULA** um homem magro e de cabelos brancos **repassava (AO CONTRÁRIO DO CASTELHANO – EM QUE REPASSAR UM COPO SERIA SECÁ-LO – EM PORTUGUÊS, REPASSAR, EM ALGUMAS DE SUAS ACEPÇÕES, SIGNIFICA ENCHARCAR, UMEDECER. SUGERIMOS USAR A PALAVRA SECAVA)** uns copos com um pano alvejado, puído e maltratado. Olhava sua obra **ao transluz (EM PORTUGUÊS ESTA EXPRESSÃO SERIA: CONTRA A LUZ)** da fresta na parede que deixava passar um raio de sol, assentindo afirmativa e prazerosamente com movimentos de cabeça **SEM VÍRGULA E** os colocava numa prateleira que estava situada na parede do fundo. Imaginei que faria isto todos os dias porque além de passar mais facilmente a monotonia do tempo, a poeira que entrava pela porta sempre aberta os sujaria de novo.

Com um aceno de cabeça me cumprimentou polidamente e perguntou o que desejava. Após escutar

Sonhos meus

que estava procurando por cigarros, perguntou qual marca desejava. Disse a ele que eram para meu amigo, pois eu havia deixado de fumar; com o risco de fazer apologia propagandística à empresa, **VÍRGULA DISSE-LHE** que ele fumava da marca Hollywood, ao que ele me fez um sinal com o braço para pegar o mesmo numa estante suspensa do teto, atrás de mim. Estiquei minha mão para cima e tentei pegar algum maço, embora as marcas que se encontravam ali não eram das que eu havia solicitado.

Como do nada, por uma porta no fundo do salão, apareceu uma mulher baixa, ligeiramente arredondada na cintura, também de cabelos brancos **SEM VÍRGULA E** que parecia ser a esposa do senhor que me atendia. Ela fez um sinal apontando um lado da prateleira e me disse que ali o encontraria. Efetivamente, após pegar alguns pacotes, apareceu o que eu procurava. Peguei dois maços e os coloquei no balcão perguntando quanto era, oferecendo umas notas de dinheiro que havia retirado do meu bolso.

O homem pegou o dinheiro e abriu uma gaveta para pegar o troco. Colocou em cima do balcão um punhado de moedas de todos os valores e começou a contar para me devolver a diferença. Vendo todas estas moedas e temendo que furassem meu bolso, lembrei-**ME DE** que meu amigo me havia solicitado para reservar uma mesa e comprar a refeição para o almoço do dia. Então disse a ele que contasse também a refeição e me devolvesse o dinheiro, **VÍRGULA** que iria pagar com cartão de crédito.

Olhou para mim por cima dos óculos que apoiava na ponta do nariz e me perguntou quantas refeições. Eu duvidei porque realmente não sabia quantas; imaginei que fosse para ele e sua esposa, mas lembrei-me que ele tinha filhos e netos. Peguei o meu telefone celular e

Sonhos meus

disquei para ele para confirmar... Nesse momento lembrei que ele também não fumava mais e uma grande dúvida começou a tomar conta de mim. Será que estaria sonhando? Então com um suspiro e me virando para o outro lado da cama, acordei...

XIV

A CAPIVARA



Era dia de festa na Comunidade. Estava acontecendo uma convenção ou coisa parecida e o local permanecia repleto de pessoas andando de um lado para outro, entrando e saindo de salas, alegres e animados, conversando e discutindo idéias IDEIAS (A ÚLTIMA REVISÃO ORTOGRÁFICA RETIROU O ACENTO AGUDO EM DITONGOS ABERTOS EI E OI DAS PAROXÍTONAS).

Eu não havia sido convidado, mas mesmo assim, VÍRGULA havia ido. Não entendia o porquê do

Sonhos meus

fato já que tinha uma relação muito boa com os diretivos da Comunidade,**VÍRGULA** somado a uma amizade espiritual firme e duradoura. Não haver recebido um convite para participar do evento me deixava preocupado e ansioso por saber o que iria acontecer.

Não fui sozinho; minha companheira e minha mãe foram comigo. O carro em que viajamos ficou do lado de fora para não levantar suspeitas e, como era comum minha presença na Comunidade, ninguém iria notar que estávamos presentes, a não ser o porteiro que vistoriava a entrada de veículos.

MISTURAMO-NOS entre todos os que estavam no evento e passamos **DESPERCEBIDOS**. Encontramos muitos conhecidos no pátio e nos corredores. Cerca de duzentas pessoas perambulavam pelo local, dirigindo-se ao refeitório onde seria servido o almoço.

Sem saber ao certo o que fazer, procurei localizar o chefe para que ele não me visse; se tivesse me convidado certamente estaria com ele, mas como não recebi **O CONVITE,VÍRGULA** achei que não seria bom encontrá-lo, mesmo para não o constrangê-lo nem deixá-lo em maus lençóis.

SENTAMO-NOS os três juntos em uma mesa para oito pessoas perto de uma janela que dava a um corredor que levava ao pátio. **FORA**, um vento suave balançava as folhas de uma árvore que se situava ao lado do poço artesiano que servia água à Comunidade; mais adiante, um pequeno curral com alguns animais completavam minha visão enquadrada pela janela.

FEZ-SE silêncio ao tocar o sino que anunciava o meio-dia. Logo a seguir,**VÍRGULA** todos recitamos a oração da mesa e após a b**Ê**nção do Superior,**VÍRGULA** **SENTAMO-NOS** sem dizer palavra alguma. Parecia

Sonhos meus

mentira que duzentas pessoas estivessem nessa calmaria a tal ponto de A PONTO DE não se ouvir nem um sussurro. Todos estavam com os olhos fixos à frente, na direção do prato vazio esperando algum sinal para começar a servir-se DA refeição que estava em uma estante num canto do refeitório.

O Superior tocou o sino e avisou a todos para que se servissem em ordem e sem romper o silêncio; ENQUANTO isso, um dos presentes começou a ler um texto espiritual, como era costume na Comunidade.

A refeição ocorreu tranqüila e silenciosa, VÍRGULA enquanto o locutor chegava ao fim da leitura. A sobremesa, VÍRGULA constituída de frutas, sorvete e pudim, VÍRGULA foi oferecida A SEGUIR. Após todos se servirem, cada um juntou os pratos e os talheres colocando-os na ponta da mesa e um grupo de dez pessoas passou para recolhê-los e levá-los à cozinha para serem lavados.

O Superior levantou-se e todos o imitaram. Abençoou a mesa, tocou o sino e disse que era hora do recreio. Neste caso, sendo um dia especial, pediu para colocarem as mesas contra as paredes e o refeitório se transformou em salão de baile. Uma música suave ecoou na grande sala e a manifestação de alegria foi total. As pessoas começaram a circular pelo recinto e alguns arriscaram uns passos de baile. Logo mais, quase todos estavam no centro, conversando animadamente, bailando ou simplesmente deixando o corpo em liberdade para se mover ao ritmo da música.

Confesso que me chocou um pouco já que estava acostumado ao grande silêncio dos templos e a Comunidade era um exemplo disso, mas quem era eu para julgar esta ou aquela atitude?;(SÓ O PONTO DE INTERROGAÇÃO É SUFICIENTE) Desta

Sonhos meus

forma, **VÍRGULA** permaneci observando e esperando alguma coisa acontecer, mesmo por que não havia nada que pudesse fazer. O Chefe continuava sentado à mesa de cabeceira e olhava em todas as direções com um sorriso estampado no rosto.

Quando menos esperava nossos olhares se cruzaram; o do Chefe seguiu em frente e logo depois voltou atrás, enquanto eu continuava olhando e tentando me esconder por trás de alguém para não causar constrangimento. Ele se inclinou para um lado e depois para o outro tentando chamar minha atenção e finalmente cedi a "encontrá-lo casualmente" e acenar para ele. Ele me **OLHOU** e fez um sinal com a mão, sempre sorrindo. Imaginei que ele pensava haver-me feito o convite e achado natural acenar para mim.

Passados alguns minutos, minha mãe, **VÍRGULA** que estava perto de **NÓS**, sentada numa cadeira perto da mesa encostada na parede, soltou um grito de "cuidado"! Aos poucos se fez silêncio e todos seguiram seu olhar. Na parede da frente, perto do chão, uma enorme aranha parecendo um caranguejo rosado de grandes garras, se arrastava em direção ao meio do salão. Grande surpresa causou quando começou a transformar-se enquanto avançava. Parecia um animal grotesco mudando de forma e de cor e quando a metamorfose se completou, uma grande capivara, acuada no meio do salão, olhava para todos os lados com as garras em riste e a boca aberta mostrando uma fileira de dentes grandes e pontudos.

Todos recuaram menos minha mãe que disse a todos que a coitada estava com medo e que um pouco de carinho iria deixá-la calma. Contra minha vontade e conselho começou a aproximar-se dela mesmo ouvindo a

Sonhos meus

respiração ofegante, os grunhidos claros e os olhos esbugalhados, preparada para dar o bote!

Quando estava a poucos passos do animal o silêncio na sala era total. Minha mãe olhava para ele esticando sua mão em sinal de acariciar sua cabeça. A capivara foi ficando calma, fechando a boca, fechando os olhos, relaxando o corpo como convidando a essa mão amiga a pousar sobre sua cabeça.

Todos fecharam os olhos quando a mão dela tocou o animal que permanecia deitado no chão. De repente um aplauso cerrado irrompeu na sala em reconhecimento a este feito, **VÍRGULA** ao mesmo **TEMPO** que o animal assustado, **VÍRGULA** pulando e eriçando os pelos de seu corpo, fechou as mandíbulas no braço de minha mãe. Ela gritou de dor enquanto alguns dos presentes tentavam separar o animal. Eu mesmo, assustado e transpirando copiosamente, acordei.

XV

O HOTEL



Sonhos meus

De repente me encontrei andando pelos corredores de um grande e moderno hotel. Pessoas andavam daqui

Sonhos meus

para lá e os funcionários, todos uniformizados, **CRUZAVAM-SE** nos corredores. No início, **VÍRGULA** não entendi o que estava fazendo nesse lugar, mesmo porque estava caminhando com uma toalha de banho enrolada na cintura, sem camisa e descalço.

As pessoas olhavam para mim com curiosidade e imaginei que mais de um estivesse pensando que eu estava com sérios problemas ou coisa parecida, já que nada normal explicaria este comportamento.

Enquanto andava, sem saber **AONDE** ir – (**ESPAÇO**) porque nem sabia se estava em algum quarto, ou o que fazia ali - (**O HÍFEN ANTERIOR DEVE SER FECHADO COM NOVO HÍFEN, A VÍRGULA FICA SUPÉRFLUA**) olhava à esquerda e **À** direita para achar algum banheiro onde pudesse entrar e pensar sobre o assunto, **VÍRGULA** sem os olhares de todos sobre mim. Os corredores eram amplos; havia um hall central e os quartos se situavam **EM** ambos os lados **DESTA** sala, bem iluminados e indicando uma tecnologia de ponta, pois tudo ali era manejado eletronicamente, luzes, portas, campainhas, câmaras de identificação em cada porta **SEM VÍRGULA E** a cada 4 quartos havia **UMA** reentrância com um computador para obter informações variadas.

Pelo que observei neste passeio forçado, havia em cada andar do prédio quatro banheiros, situados nas proximidades da sala central e ao fim dos corredores que levavam aos quartos. A arrumadeira que circulava pelas habitações com o carrinho de reposição, frente a um quarto, respondeu à minha pergunta e me disse ainda que se precisasse utilizar o aposento ela voltaria mais tarde. Como não lembrava de nada, **VÍRGULA** assenti com uma inclinação de cabeça e ela me franqueou a entrada, indo embora.

O dormitório evidentemente estava ocupado por alguém, já que havia uma mala na estante e alguma roupa pendurada no roupeiro (A PRIORI, A PALAVRA ROUPEIRO ESTÁ NO DICIONÁRIO COM A ACEPÇÃO DE GUARDARROUPA, MAS EM PORTUGUÊS, ESTA PALAVRA É USADA EM VEZ DE ROUPEIRO). A nécessaire (ACREDITAMOS QUE O USO DE UMA PALAVRA EM OUTRO IDIOMA DEVERIA TRAZER ASPAS OU A MARCA DO ITÁLICO) no banheiro e os artigos de higiene pessoal em cima da pia não deixavam dúvidas de que alguém ainda estava no quarto. Verifiquei se havia alguma roupa que coubesse em mim de modo a não andar seminu pelos corredores e por sorte encontrei uma calça e uma blusa, mesmo um pouco grandes para meu corpo, mas que serviam para meus fins. Não encontrei sapatos, mas os chinelos que o hotel oferecia aos hóspedes serviram para não andar descalço.

Sai rapidamente para evitar um encontro com o ocupante do quarto, o que me deixaria constrangido SEM VÍRGULA E me encaminhei para o banheiro social mais próximo a fim de colocar as idéias em ordem. Entrei, tranquei com chave e olhando para o espelho vi refletida minha imagem com sinais de estupor e perplexidade. Começou ali a peregrinação para meu interior, VÍRGULA para tentar descobrir o que estaria fazendo neste hotel e porque apareci do nada no meio dos corredores sem roupa e descalço.

No início era tudo confuso; lembrava vagamente de haver bebido na noite anterior e de haver feito uma aposta com alguém. Lá no fundo sabia que haveria uma explicação lógica para todo este imbróglio e me esforçava muito para clarear os pensamentos.

Como num estalo, VÍRGULA a mente trouxe à memória TODO o acontecido. Estávamos numa festa e

Sonhos meus

alguém **NA** roda disse que ainda estaria por nascer quem pudesse passar dois ou três dias num hotel sem se fazer notar, sem pagar a conta, usufruindo das benesses que a casa oferecia **SEM VÍRGULA E** ainda por cima ganhar a confiança do pessoal que ali trabalhava. Sem hesitar lhe disse que eu era essa pessoa e que já havia nascido e **QUE** estava à sua frente. **TALVEZ** o efeito do vinho e o alto teor alcoólico do meu sangue tenha **M** me levado a essa ousadia, mas como sou muito porfiado, não poderia voltar atrás.

Combinamos que entraria no hotel de manhã, para não despertar suspeitas **SEM VÍRGULA E** ficaria por alguns dias perambulando e tentando cumprir minha parte da aposta. Não lembrava qual era o prêmio, mas não importava. O fato era chegar vitorioso ao fim da experiência.

No outro dia cedo, meus colegas me deixaram perto da portaria do hotel e, sob os efeitos do vinho e das conversas passadas, lá fui eu direto para os fundos, onde se encontrava a piscina, a fim de entrar no vestiário e **TALVEZ** poder dar um mergulho para minimizar a confusão mental que o vinho causava em mim. Dentro do vestiário não havia nada que pudesse usar como calção de banho, desta forma, tirei a roupa e enrolei a toalha em minha cintura e me dirigi à água. Algumas pessoas nadavam ou brincavam e outras deitadas em espreguiçadeiras plásticas tomavam o sol da manhã. Mergulhei a cabeça no líquido cristalino cheirando a cloro, enxuguei o rosto com as mãos e saí.

Sem ter o que fazer, muito confuso ainda, comecei a adentrar pelos corredores do hotel. Peguei o elevador social, espaçoso e com fundo de vidro transparente **SEM VÍRGULA E** me dirigi aos andares superiores. O ascensorista me perguntou o andar, **VÍRGULA** achando

Sonhos meus

natural que saísse da piscina com a toalha enrolada na cintura, mesmo que outros hóspedes que ali estavam olhassem com desconfiança... Desci no quinto andar aleatoriamente, pois nem sabia o que estava fazendo ali. Andei a esmo até entrar no quarto como antes relatei, vestir roupas emprestadas e ir ao banheiro do corredor. Agora tinha uma idéia mais clara do que estava fazendo ali.

A fome apertou meu estômago, então olhei o relógio de pulso que marcava 9:30 horas. Saí e me dirigi ao elevador. Em uma das paredes laterais, uma placa escrita com as informações necessárias aos hóspedes, indicava que o salão de café estava no primeiro andar. Não duvidei e parti para o refeitório para tomar alguma coisa quente que me repusesse as energias. Entrei, **PERGUNTARAM-ME** o número do quarto e após inventar um qualquer, **VÍRGULA DIRIGI-ME** a uma mesa. Creio que foi o melhor café de minha vida, pela fome e a confusão que ainda sentia. Depois disto, **VÍRGULA LEVANTEI-ME** e saí para a recepção do hotel, já reposto.

Comecei a pensar como faria para me tornar um hóspede gratuito para poder pagar minha promessa. **APROXIMEI-ME** do balcão e tentei olhar para o computador em cima da mesa, **VÍRGULA** sem poder distinguir nada. Voltei e me sentei na poltrona à esquerda do balcão e li o jornal do dia que estava sobre a mesinha de centro. Enquanto isso, **VÍRGULA** tentava descobrir um ardil que me permitisse cumprir o compromisso.

Pude ver, ~~ao tempo de estar sentado~~ **ENQUANTO ESTAVA SENTADO**, que o *consierge* (**NOVAMENTE, A PALAVRA EM OUTRO IDIOMA SERIA MELHOR QUE FOSSE SER COLOCADA EM ITÁLICO**) da recepção se ausentava regularmente a cada hora e demorava alguns

Sonhos meus

minutos para voltar. Aproveitei um desses intervalos para fuçar o computador e verificar as reservas. Encontrei um nome, João Carlos, que havia reservado por três dias a partir da semana próxima. Não tive dúvidas...

Havia saído do hotel para simular uma entrada programada. Cheguei ao balcão da recepção e vi que o atendente havia mudado, provavelmente era um novo turno. Disse que havia feito uma reserva para a próxima semana, **VÍRGULA** mas que havia decidido adiantar minha viagem. Perguntei sobre a disponibilidade de quartos e me foi dito que não havia nenhuma **habitação (EM PORTUGUÊS SE USA QUARTO)** disponível. Fingindo desapontamento informei que então iria para outro hotel e que cancelaria a reserva. O recepcionista pediu um minuto, entrou no escritório posterior ao balcão, conversou com alguém e voltou sorrindo, dizendo que faria uma exceção e me cederia uma suíte, que era muito mais cara, mas que faria o mesmo preço **PORQUE** o hotel tinha como lema servir bem **O** cliente.

Após as perguntas corriqueiras e o preenchimento dos formulários de lei, solicitou meu cartão de crédito para garantia de pagamento. Disse a ele que a empresa em que trabalhava era cliente do hotel e que fariam o pagamento na próxima semana. Consultando os registros verificou que esse era o procedimento que sempre faziam e me entregou as chaves sem mais demora. Respirei aliviado, pois esse era o maior chute certo que havia dado em minha vida e havia dado certo. Agora era só curtir e relaxar.

Entrei na suíte e fiquei deslumbrado. Havia uma antesala com duas poltronas e uma mesa redonda no centro. **NA FRENTE**, uma escrivaninha encostada na parede **SEM VÍRGULA** tinha um microcomputador, impressora e telefone. Ao lado, um frigobar grande, maior que os

Sonhos meus

habituais do quarto **SEM VÍRGULA E** uma pia com bancada, **VÍRGULA** com uma máquina de café expresso na ponta. O lustre de vidro pendurado no centro da sala parecia um daqueles dos filmes do século passado.

Entrei no quarto propriamente dito e vi uma cama enorme, tipo **KING SIZE**, coberta por um edredom azul escuro. A ambos os lados, mesinhas de cabeceira entalhadas, cada uma com um telefone; dois abajures grandes completavam o quadro. **NA FRENTE** da cama uma porta espelhada levava a um corredor: do lado direito o **closet SEM VÍRGULA E** do lado esquerdo o suntuoso banheiro com hidromassagem e sauna individual.

O remorso começou a me torturar **PORQUE** sabia que o que estava fazendo não era correto, mas em função da aposta tinha que seguir em frente. Prometi a mim mesmo que quando acabasse tudo iria colocar as coisas em ordem e explicaria tudo às pessoas envolvidas.

Rolei pela cama um pouco e tive vontade de entrar na hidromassagem, mas lembrei que não tinha roupa nenhuma para me trocar. Minha casa ficava a uns 200 quilômetros dessa cidade e não dava simplesmente para ir e **PEGAR** algumas. Decidi então ir às compras e aproveitar para mudar um pouco meu **GUARDARROUPA**. Saí do hotel cumprimentando a todos, **APRESENTANDO-ME** como João Carlos, a fim de que me conhecessem e **SE** lembrassem de mim. Peguei um **TÁXI** e fui à zona central, às lojas de roupa, aquelas de grandes promoções e crédito facilitado. Comprei de tudo, até uma mala para guardar as compras, incluindo sapatos para vestir já que ainda estava com os chinelos do hotel.

Sonhos meus

Voltei de **TÁXI** e, ao chegar, o porteiro me cumprimentou pelo nome e se ofereceu para levar a mala ao meu quarto. Assenti e brinquei com ele, perguntei da família e do time de futebol. Ficamos amigos. Quando deixou a mala no quarto, **VÍRGULA** dei-**LHE** uma propina generosa, sabendo que comentaria com os demais e eu ficaria ainda mais popular. **SENTIA-ME** um pouco falso, pois estava usando esta artimanha para granjear simpatias, **VÍRGULA** mas me prometi que depois esclareceria tudo e continuaria amigo de todos.

Havia almoçado alguma coisa no centro, então aproveitei para tirar um cochilo. Despertei e fui direto para a hidromassagem. Quando **SAÍ, VÍRGULA** telefonei para um dos amigos da turma para que me ajudasse com o plano. Deveria ligar para a recepção em nome da empresa e procurar pelo João Carlos. Desta forma, **VÍRGULA** não haveria nenhuma suspeita sobre meu desempenho no hotel. Recebi a ligação de meu amigo e conversamos rapidamente. **CUMPRIMENTOU-ME** pelo sucesso da minha atuação e disse que falaria com os outros para ir preparando o prêmio da aposta.

Fui à recepção e perguntei ao recepcionista se havia alguma mensagem ou pacote para mim. **Ele** procurou e voltou dizendo que nada havia. **DISSE-LHE** que estava esperando um pacote da empresa e que chegaria provavelmente amanhã. Dei a ele uma propina e pedi para me avisar o mais rapidamente possível assim que chegasse. Ganhei mais um amigo e um conhecido fiel que poderia testemunhar a meu favor em qualquer eventualidade. Falei a ele que assinaria minhas refeições e gastos de hotel e que pagaria ao sair. Ele concordou sorrindo e disse para não me preocupar. Ofereceu levar o jornal ao quarto, na manhã seguinte **SEM VÍRGULA E**

Sonhos meus

eu concordei, imaginando que ele desejaria ganhar outra propina pela gentileza. Valia a pena, então aceitei.

Desta forma,**VÍRGULA** passaram-**SE** os três dias combinados, eu não fazendo nada produtivo mas ganhando cada vez mais amigos. No último dia,**VÍRGULA** fui falar com todos os amigos da aposta e disse a eles que havia cumprido minha parte. Gostaria no entanto **SEM VÍRGULA** que na manhã seguinte todos fossem ao hotel para esclarecer a situação e pagar a conta de modo a não prejudicar os empregados que haviam confiado em mim. Eles deveriam dizer que fui obrigado a fazer esta trapaça por conta de uma aposta entre amigos, mas sem o objetivo de prejudicar ninguém. De mesma forma,**VÍRGULA** pedi para entrar em contato com o verdadeiro João Carlos**SEM VÍRGULA E** pedir desculpas por haver usado seu nome nesta brincadeira. Se houvesse qualquer punição, seria repartida entre todos sem pesar muito para ninguém.

OCORREU-ME que poderia haver feito o contrário. Combinar com o pessoal do hotel o desenvolvimento desta brincadeira e mostrar para meus amigos que havia feito a tarefa com o mesmo resultado, mas isto,**VÍRGULA** pensei, seria jogar sujo com meus amigos e enganá-los. Não haveria **GLÓRIA**. Somente um prêmio sem sabor de vitória.

Só restava dormir a última noite, levantar **NO** dia seguinte, ir à recepção e esperar meus amigos para completar o combinado. Fui deitar cedo pedindo ao amigo recepcionista que me acordasse às sete horas da manhã. Assisti na TV um filme que já havia assistido para tentar conciliar o sono. dormi o sono dos anjos.

De manhã cedo,**VÍRGULA** a campainha tocou e ainda sonolento procurei o telefone com a mão. Ao não encontrá-lo abri os olhos para ver melhor. Ao meu lado

Sonhos meus

minha companheira ainda dormia. A luz do dia entrando pelas frestas da janela do meu quarto me informava que já era hora de levantar. Muito confuso pensei... outro sonho?

Sem perder tempo, peguei a caneta e o papel que sempre ficam na mesinha de cabeceira **SEM VÍRGULA E descrevi (SERIA ESCREVI?)** rapidamente esta história para poder lembrar-me depois.

XVI

VIDAS CRUZADAS

Sonhos meus



Era uma bela tarde de verão e a cidade estava calma e aconchegante pelo clima e pelas pessoas que circulavam pelas ruas, sorrindo e acenando para **NÓS**. Corria uma suave brisa que amenizava o calor e nos animava a prosseguir andando. O sol já se escondia por **TRÁS** de alguns prédios e havia bastante sombra nas ruas e calçadas.

Sonhos meus

Minha companheira caminhava a meu lado com sua mão presa à minha, como se fôssemos dois adolescentes saindo de uma festa. Conversávamos sobre vários assuntos e, **DE VEZ EM QUANDO OU DE QUANDO EM QUANDO, DETINHAMO-NOS** para tomar fôlego e discutir mais acaloradamente algum ponto mais importante de nossa conversa. Estávamos felizes e se notava mais pelo fato de que as pessoas que passavam ao nosso lado **SEM VÍRGULA** nos sorriam e acenavam com a cabeça em sinal de afirmação.

Chegamos ao cruzamento de uma rua para atravessar para a outra calçada e esperamos o fluxo de veículos diminuir **O** bastante para poder continuar. Ainda de mãos dadas,**VÍRGULA** iniciamos a travessia e,**VÍRGULA** ao chegar ao outro lado,**VÍRGULA** percebi que estava só. Como havia muita gente atravessando pensei que ao soltarem-se nossas mãos – **(ESPAÇO)** coisa que não havia percebido **(ESPAÇO)** – **SEM VÍRGULA** minha companheira tivesse ficado para **TRÁS**. Esperei um pouco,**VÍRGULA** mas ela não apareceu.

Sem entender bem o que havia ocorrido, preocupado com o fato, voltei atrás para buscá-la,**VÍRGULA** avançando em sentido contrário ao que vinha. Cheguei à primeira calçada e olhei para todos os lados sem vê-la. De repente,**VÍRGULA** ouvi meu nome vindo do outro lado da rua**SEM VÍRGULA E** lá estava ela acenando para mim e sinalizando para que voltasse. Claro que não entendi o que estava ocorrendo, mas não dei maior importância. Como é que ela foi parar **AÍ** se antes a procurei e não estava?

Atravessei novamente e quando ela viu meu rosto denotando preocupação me perguntou o que havia acontecido. Eu disse que na travessia se soltaram nossas mãos e a perdi entre as pessoas que iam e

vinham cruzando a esquina. **PROCUREI-A** por **TODA PARTE** e não a encontrei(**ESTA FRASE FICOU LONGA, PODENDO SER CORTADA AQUI COM UM PONTO**). **Então**, pensando que havia ficado para atrás, voltei para buscá-la. Ela fez cara de surpresa e uma interrogação apareceu em seu rosto.

Sem encontrar nenhuma explicação razoável, continuamos nosso caminho. Embora demorasse um pouco o clima para voltar ao normal, logo estávamos retomando o assunto anterior, o que estávamos discutindo antes de cruzar a esquina. Seguimos assim até a próxima rua e nos dispusemos a atravessá-la. Apertei mais fortemente sua mão e a conduzi para **SEM A** frente. No meio do caminho,**VÍRGULA** alguma força maior nos separou novamente. Ao chegar,**VÍRGULA** estava sozinho e sem sinais dela por lugar nenhum.

Desta vez,**VÍRGULA** fiquei parado onde estava e esperei que a área ficasse livre de pessoas. Novamente apareceu minha companheira ao meu lado, como surgindo do nada, desta vez com uma interrogação marcada em seu rosto. Não conseguíamos pronunciar palavra e tentávamos buscar uma explicação para esta ocorrência. Perguntei se ela havia soltado minha mão e respondeu que não, mas que sentiu uma força estranha que nos separava **SEM VÍRGULA** com tamanha força, que era impossível **TIRAR UM ESPAÇO** permanecer agarrada a mim.

Atinei **SEM A** pensar acerca do fato **DE** que,**VÍRGULA** ao atravessar **UM ESPAÇO SÓ** uma rua,**VÍRGULA** chegávamos do outro lado em tempos diferentes, como algo a ver com o espaço-tempo, velocidades diferentes de caminhada, casualidade, brincadeira, **ENFIM, TODO** o cabível para tentar explicar o acontecimento, porém sem sucesso. Algo se agigantava dentro de mim e imaginei

Sonhos meus

que só um especialista poderia dar alguma resposta **A** meu questionamento. Enquanto isso, minha companheira, ensimesmada, pensava igualmente sobre o assunto.

Algo dentro de mim me incitava a repetir a experiência, mas ao mesmo tempo me fazia sentir medo, angústia e expectativa sobre o resultado. E se acontecesse novamente a mesma coisa? O que poderíamos fazer para explicar esta situação sem abalar nosso relacionamento?

Decidi partilhar este questionamento com ela para decidir em conjunto a melhor situação, mas como continuava alheada em seus pensamentos, **VÍRGULA CONVIDEI-A** A voltarmos atrás na caminhada. **ELA** me olhou com espanto e me disse que estava com medo. Por que existia uma força querendo nos separar? Eu disse que iríamos devagar, de mãos dadas e atentos a qualquer situação. Desta forma, **VÍRGULA** poderíamos ver melhor para tirar as conclusões que pretendíamos.

Tomei-a fortemente das mãos, olhei **EM** seus olhos e comecei a andar com ela a meu lado e foi bom **PORQUE** poucas pessoas estavam na rua nesse momento. Quando chegamos ao meio do cruzamento vi que minha companheira sumia literalmente de meu lado, embora sentisse sua mão grudada à minha. Logo em seguida, **VÍRGULA** não mais a vi e sua mão desprendeuse de mim como se fosse arrancada. Onde estaria ela agora? Parei no meio do cruzamento e procurei na frente e atrás de mim procurando encontrá-la. Pouco a pouco sua figura começou a aparecer na calçada até se formar completamente.

Corri em sua direção e perguntei o que havia acontecido. Ela me disse que no meio do cruzamento eu comecei a sumir e que sentiu minha mão ser arrancada

da sua. Logo que ela cruzou e começou a procurar, viu que estava formando meu corpo novamente no meio da rua. Estava muito nervosa e sem entender o que estava acontecendo **SEM VÍRGULA E** quando eu comentei que comigo havia ocorrido a mesma situação, quase teve um ataque de pânico.

Por que esse **destempo (ESTA PALAVRA NÃO EXISTE EM PORTUGUÊS. SUGERIMOS USAR DESAJUSTE DE TEMPO OU OUTRA EXPRESSÃO SIMILAR)**, esse desencontro, no meio de um cruzamento e não em qualquer **(AQUI, SUGERIMOS ACRESCENTAR A PALAVRA OUTRA PARA FICAR MAIS CLARO)** circunstância, **VÍRGULA** era o que estava rondando minha mente neste momento. Às vezes ela ia na frente e outras vezes ficava para **TRÁS**, mas nunca conseguíamos passar juntos. Isto havia acontecido outras vezes e não nos demos conta ou era a primeira vez? Tentei recordar outros momentos, **VÍRGULA** mas não tive resposta.

Comecei a procurar em minha memória algum **SUBSÍDIO** que me desse uma luz sobre o acontecido e voltei à teoria do espaço-tempo. A figura de Einstein com a língua de fora se estampou em minha mente, **VÍRGULA** enquanto tentava lembrar os conceitos que havia lido. Lembrei-**ME DE** que a tri-dimensão precisava de somente três eixos para ser explicada, mas neste caso precisaria de mais um, o do tempo, para poder entender melhor. De **QUALQUER FORMA, VÍRGULA** isto não explicava a separação dos corpos.

Tentei explicar pelo princípio de exclusão de Pauli, o qual disse que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, mas em nosso caso ocupávamos espaços adjacentes.

Sonhos meus

Restou a explicação psicológica, que ilustra que há separação de corpos quando as dificuldades da convivência conjugal se tornam fortes demais, mas tampouco se encaixava neste caso, já que somente ocorria no "cruzamento" e não em outra circunstância.

No meio destes pensamentos me encontrava, sem achar solução para o caso, quando senti um braço rodear meu torso e me puxar suavemente.

Abri os olhos assustado e vi minha companheira deitada a meu lado, dizendo em voz baixa, que era hora de acordar...

Já se passaram três meses desde este incidente e ainda não encontrei resposta adequada que satisfizesse minha mente atormentada. Claro que cada vez que caminho com ela tento não estender minha mão em direção à dela, antes de cruzar a rua.

*Nunca se afaste de seus
sonhos. Porque se eles se forem,
você continuará vivendo, mas
terá deixado de existir."*

